



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

MYLENA CRISTINA AIRES DA SILVA

**A FEIRA LIVRE DA FOLHA 28 NA CIDADE DE MARABÁ-PA:
TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA DO CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

Marabá - PA

2018

MYLENA CRISTINA AIRES DA SILVA

**A FEIRA LIVRE DA FOLHA 28 NA CIDADE DE MARABÁ-PA:
TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA DO CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como exigências parciais para a obtenção do título de Licenciada e de Bacharelada em Geografia.

Orientador: professor Me. Gustavo da Silva

Marabá - PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá, PA

Silva, Mylena Cristina Aires da

A feira livre da folha 28 na cidade de Marabá-PA: tradição e resistência do circuito inferior da economia urbana / Mylena Cristina Aires da Silva ; orientador, Gustavo da Silva. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Marabá, 2018.

1. Geografia econômica - Marabá (PA). 2. Marabá (PA) – Condições econômicas. 3. Feiras livres - Marabá (PA) – Aspectos sociais. 4. Política urbana. 5. Feiras livres – Condições econômicas. I. Silva, Gustavo da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 330.91

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira
Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

MYLENA CRISTINA AIRES DA SILVA

**A FEIRA LIVRE DA FOLHA 28 NA CIDADE DE MARABÁ-PA:
TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA DO CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

BANCA EXAMINADORA:

Orientador:

Professor Me. Gustavo da Silva - ICH/ FGEO/ UNIFESSPA

Examinador:

Professor Me. Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues - ICH/ FGEO/ UNIFESSPA

Examinadora:

Professora. Especialista: Ana Lenira N. Cysne de Souza. - ICH/ FGEO/ UNIFESSPA

Dedico ao meu querido avô, por ter me ensinado o
Significado da palavra “resiliência”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela infinita graça, pelo cuidado e amor para comigo por sempre está ao meu lado, mesmo quando achei que estava sozinha, sempre esteve do meu lado. Agradeço a minha família, sobretudo, minha querida avó, minha querida Tia Rosevan, por sempre me ouvir, minha querida tia Melicia pela amizade, minha mãe, tios, primos e amigos queridos dos tempos da escola. Agradeço ao meu anjo da guarda aqui na terra, a pessoa que mais cuida e se preocupa comigo, a pessoa que sempre está ao meu lado, nos dias bons e ruins, que sabe da bronca quando necessário, mais dedica as palavras mais acalentadoras, quando preciso, mesmo que não fale uma palavra, minha querida tia Rosemeire!

Agradeço aos colegas de curso, aos professores de Geografia pelos ensinamentos, tenho certeza que irei lembrar sempre de seus ensinamentos, e me espelhar em alguns.

Agradeço aos amigos da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis – PROEX, pela amizade e companheirismo, especialmente a Geovana, a Dona Ivonilce pela amizade e os sábios conselhos, a Abigail pela amizade e por sempre pagar o “café”.

Agradeço aos feirantes da feira-livre da folha 28, principalmente por disponibilizarem alguns minutos de seu tempo, por dividir suas histórias e “causos” da vida, sem eles esse trabalho não teria saído.

Agradeço ao presidente da Associação dos feirantes da feira-livre da folha 28 – o senhor Marinho pela concessão da entrevista, agradeço também ao senhor Abraão Martins de Sousa presidente do Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá-PA pela entrevista por conceder a entrevista.

Agradeço ao Departamento de Postura do município, a Vigilância Sanitária, a Superintendência do Desenvolvimento Urbano do Município-SDU, por concederem a entrevista e se disponibilizarem a procurar registros documentais da feira-livre da folha 28.

Agradeço a minha já querida amiga Tamires, mesmo que a tenho conhecido brevemente, já és uma pessoa muito querida, principalmente por sempre “trazer o café”.

Agradeço também a meu orientador – professor Gustavo da Silva, pela paciência, disponibilidade, pela humanidade, pelas críticas e elogios, pelo incentivo a pesquisa, mais também a ajudar como pesquisar de forma hábil.

E por fim, o meu, muito obrigada a todos que de maneira direta ou indiretamente, contribuíram para a construção desse trabalho. Mas também, quero aqui antecipar os meus pedidos de desculpas por não me lembrar de todos os nomes envolvidos.

A FEIRA LIVRE

Agradável, alegre, colorida,
burburinho de gente,
que fala, canta, pega,
larga, compra e segue em passos
lentos sempre olhando.
Isso é a feira que levanta o astral
que faz amizades e sorri.
Multicolorida pela variedade de
Legumes, verduras,
Frutas e flores.
Pelas suas ruas gente vai e vem
sem pressa, em suas vestes
de todos os tipos e cores.
Há perfume se alternando
à medida que se vai avançando pelas barracas,
crédito às frutas e flores.
A alegria dos vendedores é animadora
e engraçada pela criatividade de cada um.
Vão chamando a freguesia com cantilenas
de versos improvisados:
" Aqui moça bonita não paga!
Mas também não leva."
"Olha laranja, dona Maria
se não tiver bolsa leva na bacia."
E tem a barraca dos pescados
sempre cercada dos meninos do limão,
do alho e das folhas de louro.
Lá está a água de coco geladinha,
mas tem a fruta verde fechadinha.
Os ambulantes se espalham com um sem fim
de artigos e bugigangas:
brinquedos, panos de copa e enfeites de casa.
O ponto alto da feira é a barraca das pimentas
e especiarias.
Pimenta de todo tipo, tamanho e cor
que nem se conhece o nome
que dirá o grau de ardor.
Bem ali no chão
numa caixa de papelão

estão pintinhos piando assustados,
para alegria da criançada
e desespero das mães.
Onde botar em casa tal bichinho
que não é brinquedinho?

A gente se mistura, se confunde
no meio daquela multidão.
Simplicidade, passos pequenos,
bolsas, carrinhos e sacolas cheias
vamos levando na mão.
Esquecemos por uns momentos
tristeza, mágoa e preocupação.
É muito bom fazer feira.
Amanhã é dia de feira, vamos à feira?

(LEITE)

RESUMO

O presente trabalho se remete à feira-livre da folha 28 no município de Marabá-PA, tendo por objetivo investigar a dinâmica da Feira-livre da folha 28 e das “práticas cotidianas” tecidas em seus espaços e a sua inserção no circuito inferior da economia urbana. Esta atividade comercial, é uma das mais antigas formas de comércio, mesmo com outras opções de consumo, ainda permanece no gosto da população, sendo um dos principais cartões postais da capital paraense. As feiras livres também são responsáveis pelo despontar de muitas cidades brasileiras, sobretudo no nordeste brasileiro. Dessa maneira, retornando ao nosso objeto empírico de estudo, a feira-livre da folha 28, se insere no circuito inferior da economia urbana, por ser uma atividade tradicional, com componentes rústicos e precários, além de métodos tradicionais e informais de venda e de uso da mão de obra. Todavia, tecidas as considerações, a feira-livre exerce um papel socioeconômico importante no abastecimento local e contribui para a (re) produção de muitas famílias Marabaenses, e em alguns casos é a única fonte de renda de muitas famílias de Marabá-PA. Diante do exposto, este trabalho se propôs a investigar as “práticas cotidianas” engendradas nas “artes de fazer” dos distintos sujeitos que atuam naquele espaço, bem como averiguar o papel do poder público municipal em relação a feira-livre da folha 28.

Palavras-chave: a feira-livre da folha 28, circuitos econômicos, práticas cotidianas.

ABSTRACT

The present work refers to the fair-free of leaf 28 in the municipality of Marabá-PA, aiming to investigate the dynamics of the Fair-free leaf 28 and the "everyday practices" woven in their spaces and their insertion in the lower circuit of urban economy. This commercial activity, is one of the oldest forms of commerce, even with other consumption options, still remains in the taste of the population, being one of the main postcards of the capital of Pará. Free fairs are also responsible for the emergence of many Brazilian cities, especially in northeastern Brazil. In this way, returning to our empirical object of study, the fair-free of leaf 28, is inserted in the inferior circuit of the urban economy, being a traditional activity, with rustic and precarious components, besides traditional and informal methods of sale and of use of labor. However, considering the considerations, the fair-trade show on leaf 28 plays an important socioeconomic role in local supply and contributes to the (re) production of many Marabaisan families, and in some cases is the only source of income for many Marabá- PAN. In the light of the above, this work aimed to investigate the "daily practices" engendered in the "arts of making" of the different subjects that work in that space, as well as to investigate the role of the municipal public power in relation to the fair-free of leaf 28.

KEYWORDS: THE FAIR-FREE OF LEAF 28, ECONOMIC CIRCUITS, DAILY PRACTICES.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 01: Uma das entradas nos espaços da feira-livre da folha 28.</i>	22
<i>Figura 02: Visão Panorâmica da feira-livre da folha 28.</i>	22
<i>Figura 03: o acontecer diário na feira-livre da folha 28.</i>	23
<i>Figura 04: O comercio da feira.</i>	23
<i>Figura 05: Uma das entradas nos espaços da feira-livre da folha 28.</i>	24
<i>Figura 06: Presidente da Associação de Feirantes.</i>	54
<i>Figura 07: Presidente do Sindicato de Ambulantes e Feirantes de Marabá-PA.</i>	56
<i>Figura 08: Mapa de Articulação da Feira-livre da Folha 28 com outros Estados.</i>	59
<i>Figura 09: Dona Raimunda, em mais um dia de feira.</i>	68
<i>Figura 10: Domingo é dia de ser feirante e fazer a feira.</i>	69
<i>Figura 11: Na feira todo mundo se conhece.</i>	73
<i>Figura 12: É domingo dia de fazer a feira!</i>	76
<i>Figuras 13, 14, 15 e 16: Uma das "marcas das feiras-livres é a precariedade infraestrutural e a reutilização dos diferentes objetos e utensílios.</i>	77
<i>Figuras 17 e 18: Organizações a "margem" dos dois circuitos em coabitação com a feira-livre da folha 28.</i>	78
<i>Figuras 19, 20, 21 e 22: Organizações a "margem" dos dois circutos em coabitação com a feira-livre da folha 28.</i>	78
<i>Figuras 23 e 24: Em dia de feira (domingo).</i>	85
<i>Figuras 25, 26, 27 e 28: Feirantes remanejados por estarem atrapalhando o transito.</i>	85
<i>Figura 29: Final de feira os resíduos triplicam.</i>	86

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro I: Dispositivos legais que contemplam as feiras-livres marabaenses.</i>	33
<i>Quadro II: Elementos do Circuito superior e inferior da economia urbana.</i>	38
<i>Quadro III: Escolaridade dos feirantes entrevistados.</i>	62
<i>Quadro IV: Tempo de atuação dos feirantes entrevistados.</i>	63
<i>Quadro V: Comparativo das dificuldades e vantagens em se trabalhar.</i>	65
<i>Quadro VI: Sugestões para o melhoramento da feira-livre da folha 28.</i>	67
<i>Quadro VII: As motivações dos frequentadores ao escolherem a feira-livre da folha 28.</i>	72
<i>Quadro VIII: A feira-livre da folha 28 como um importante meio de desenvolvimento local.</i>	74
<i>Quadro IX: A motivação em comprar na feira-livre da folha 28, segundo os frequentadores.</i>	75

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico I: Quantidade de feirantes por sexo.</i>	61
<i>Gráfico II: Núcleo de residência dos feirantes entrevistados.</i>	61
<i>Gráfico III: Faixa Etária dos Feirantes Entrevistados.</i>	63
<i>Gráfico IV: Frequentadores da feira-livre da folha 28, percentual entre homens e mulheres.</i>	70
<i>Gráfico V: Percentual de idade dos frequentadores da feira-livre da folha 28.</i>	70
<i>Gráfico VI: Escolaridade dos frequentadores da feira-livre da folha 28.</i>	71
<i>Gráfico VII: Frequência que os fregueses vêm a feira-livre da folha 28.</i>	71
<i>Gráfico VIII: Os produtos que os frequentadores mais compram na feira-livre da folha 28.</i>	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. OBJETIVOS	20
1.1 GERAL	20
2.1 ESPECÍFICOS	20
3. BREVE HISTÓRICO, LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS	21
4. AS FEIRAS-LIVRES, TRADIÇÃO E RESISTENCIA NO ESPAÇO-TEMPO.	25
4.1 O surgimento das Feiras Livres.	25
4.2. O espaço das Feiras, características e funções.	29
4.3 Regulamentação e organização dos espaços da Feira.	32
5. O CIRCUITO SUPERIOR E o INFERIOR DA ECONOMIA URBANA, À LUZ DA TEORIA DOS CIRCUITOS ECONÔMICOS DO GEOGRAFO MILTON SANTOS.	36
5.1 O CIRCUITO A “MARGEM” DOS CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR DA ECONOMIA URBANA.	41
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
6.1 Pesquisa bibliográfica preliminar	44
6.2 Elaboração de questionários	46
6.3 Trabalho de Campo	52
6.4 Laboratório	53
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	54
7.1 A Gestão da Feira-livre da folha 28 em Marabá-PA, através da Associação e do Sindicato dos Feirantes.	54
7.2 A origem dos produtos que abastecem a feira livre da folha 28	59
7.3 O perfil dos feirantes na feira livre da folha 28.	61
7.4 O perfil dos fregueses que frequentam a feira-livre da folha 28.	69
7.5 Considerações Finais	87
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
9.1 Sites Consultados	92
10 APÊNDICES	93

10.1 QUESTIONÁRIO FEIRANTES	93
10.2 QUESTIONÁRIO FREGUESES	95
10.3 QUESTIONÁRIO - PRESIDENTE DE ASSOCIAÇÃO DOS FEIRANTES	96
10.4 QUESTIONÁRIO - PRESIDENTE DO SINDICATO DE FEIRANTES	97
10.5 QUESTIONÁRIO - VIGILÂNCIA SANITÁRIA	99
10.6 QUESTIONÁRIO - SDU	100
10.7 QUESTIONÁRIO - POSTURA MUNICÍPIO	101
10.8 QUESTIONÁRIO - SEBRAE	102
10.9 TRANSCRIÇÃO/ENTREVISTA PRESIDENTE DO SINDICATO DE FEIRANTES	103
10.10 TRANSCRIÇÃO/ENTREVISTA VIGILÂNCIA SANITÁRIA	108
11. TRANSCRIÇÃO/ENTREVISTA SDU	110
11.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE	113
11.2 ANEXOS	114

1. INTRODUÇÃO

As feiras-livres constituem-se numa das formas mais antigas de comércio. Pois, ao longo de sua existência, além de proporcionarem os abastecimentos de víveres à população menos abastada, elas também são espaços onde coexistem diversas formas de convívios.

Por estas razões, a feira-livre da folha 28, inserida na cidade de Marabá-PA, constitui-se no objeto de estudos deste trabalho. Portanto, esta pesquisa de caráter qualitativo, a fim de constatar os aspectos particulares dessa questão, considerando exclusivamente a parte subjetiva daquele objeto, visou identificar e analisar dados incomensuráveis numericamente. Para isto, valemo-nos da *teoria dos Circuitos Econômicos* do Geógrafo Milton Santos (2012), que a trata como *circuito superior e inferior da economia urbana*. Desse modo, buscamos analisar a inserção da feira-livre da folha 28 no circuito inferior da economia urbana, e nas “*práticas cotidianas*” sugeridas por CERTEAU (1998), que a entende como algo: “tecido em suas artes de fazer”, imbricado nos risos, performances e jocosidades prosaicas dos feirantes, buscando atrair e “cativar” a clientela.

Na feira-livre da folha 28, portanto, pode-se encontrar de tudo um pouco; desde frutas de outras localidades que têm a preferência da população; a frutas e polpas regionais. Além disso, encontramos também uma diversidade de hortaliças, legumes; carnes vermelhas; peixes; queijos; legumes; utilidades domésticas e pequenos serviços de conserto como por exemplo: conserto de sapatos e panelas. Encontramos também, pequenos restaurantes, lojas de produtos e remédios medicinais e ainda especiarias para temperos; assim como, vendedores ambulantes de lanches, sorvetes, etc, principalmente aos domingos, pois a feira-livre da folha 28 é uma feira que tem dinamicidade espacial, isto é: durante a semana possui um arranjo espacial, que é completamente alterado aos domingos e feriados. Tal dinâmica altera a configuração do espaço físico inerente à feira, bem como ao tráfego de veículos nas vias que a penetram.

Nesse sentido, a feira-livre da folha 28 exerce um papel social importante, para além de um espaço físico propriamente dito, que é palco de vivências e construções de sociabilidades entre seus frequentadores. A feira também é importante para a (re) produção socioeconômica dos sujeitos que produzem e (re) produzem aquele espaço, uma vez que, a feira-livre da folha 28 é um importante entreposto gerador de empregos e rendas, ainda que, majoritariamente, na informalidade. A feira-livre da folha 28 é também um importante espaço de comercialização de produtos advindos das zonas, rurais no âmbito do município de Marabá, e municípios limítrofes. Desse modo, a feira-livre da folha 28, possui relevância

socioeconômica para o município de Marabá, pois representa a complementariedade e muitas vezes a única fonte de renda de muitas famílias.

Contudo, a escolha da feira-livre da folha 28, especificamente, para objeto desse estudo de caso, parte primeiramente pela sua afinidade com o tema, e em segundo: pela carência de estudos relacionados essa temática na região norte como um todo. Assim como, pela sua localização, popularidade mas também pela sua antiguidade na cidade. Além disso, o fato da feira ser um dos elementos de convivência cotidiana de grande parte da população marabaense, onde variados sujeitos dependem da mesma para reprodução de seus atos socioeconômicos, somou forças para nossa tomada de decisão de toma-la como objeto de estudos.

Mas também, a feira-livre da folha 28 é um espaço de lazer, um espaço de facécias prosaicas entre um amontoado de sujeitos e barracas, cores; sabores; aromas e variadas composições de paisagem imbricadas em um mesmo espaço.

Desse modo, a problemática para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu do pressuposto de que verificar “as *práticas cotidianas*, engendradas nas *artes de fazer*, de diferentes sujeitos que atuam naqueles espaços. É analisar de que modo a feira-livre da folha 28 se insere no *circuito inferior da economia urbana*” (SANTOS, 2012) marabaense?

Diante disso, ocorreu-nos os seguintes questionamentos:

Quais atividades do circuito inferior da economia urbana estão presentes na feira-livre da folha 28?

Qual a dinâmica sócioespacial que envolve o funcionamento da feira-livre da folha 28 durante o seu “funcionamento” aos domingos e feriados e durante os dias úteis?

Se existem políticas públicas direcionadas aos feirantes e, caso haja, se são efetivas?

Qual o perfil dos sujeitos que dependem e frequentam a feira-livre da folha 28, e quais as suas práticas cotidianas?

As hipóteses dessa pesquisa partem dos apontamentos de que as feiras-livres são comércios de diversos gêneros de elementos das necessidades cotidianas de variados sujeitos. Mas também implicam novas inserção de empreendimentos que se implementam as novas lógicas das necessidades de consumo, muito mais atreladas ao conforto, a flexibilidade de horários e a variedades de produtos.

As feiras-livres foram perdendo suas importâncias, tendo em vista a concorrência do seu espaço socioeconômico diante das estruturas capitalistas modernas, flexíveis, com infinitas variedades de produtos. E as exigências de alguns seguimentos sanitários que as consideram menos higiênicas e informais. Apesar dos espaços comerciais modernos se

constituírem espaços da negação do diálogo e das práticas prosaicas do cotidiano, eles têm se sobrepostos às feiras-livres, onde a infraestrutura é arcaica e precária; os espaços são a afirmação da informalidade, do diálogo, das brincadeiras e das práticas prosaicas do cotidiano.

A variedade de produtos e a flexibilidade de horários nas feiras-livres são limitadas. Desse modo, a feira-livre da folha 28 se estabelece como elemento do circuito inferior da economia urbana. Notadamente, não compete de forma igualitária com o circuito superior da economia urbana. Não obstante, exercem um papel importante, no tocante ao abastecimento local.

Nessa perspectiva, este trabalho está organizado da seguinte maneira: No capítulo um há um breve histórico de localização e caracterização da feira-livre da folha 28 – Marabá-PA.

O segundo capítulo está dividido em três seções onde está fundamentada, teoricamente esta pesquisa. Na primeira seção há uma breve (Geo) história do surgimento das feiras-livres no Brasil; na segunda seção faz-se uma discussão dos espaços das feiras-livres, tendo em vista as suas características e funções, sob o ponto de vista teórico.

A terceira seção tem como objetivo fazer um apanhado das regulamentações e recomendações, ou assistências direcionadas as feiras-livres, bem como as menções constantes nas leis municipais da cidade de Marabá-PA a elas.

O capítulo três apresenta a teoria dos circuitos econômicos, à luz do Geógrafo Milton Santos; além de postular adaptações dadas a especificidades em coabitação com a feira-livre da folha 28.

O capítulo quatro aborda os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Ele está dividido em três seções: a primeira seção aborda a pesquisa bibliográfica preliminar, a segunda seção descreve os procedimentos adotados no trabalho de campo; e a terceira seção fala sobre o laboratório. Esta etapa trata da análise e reflexão dos dados coletados, da transcrição e análise das entrevistas; da redação do trabalho, assim como, da produção cartográfica.

O capítulo cinco por sua vez, aborda os resultados e discussões da pesquisa. Este tópico está dividido em seis seções: a primeira trata da gestão da feira-livre da folha 28, através da associação e do sindicato dos feirantes. A segunda seção destaca a origem dos produtos comercializados na feira-livre. A terceira seção identifica o perfil dos feirantes da feira-livre da folha 28. A quarta seção destaca o perfil dos fregueses e frequentadores da feira-livre da folha 28. E a quinta seção aborda a dinâmica do circuito inferior da economia urbana presente na feira-livre da folha 28 no município de Marabá - PA e a sua relação com

os Circuitos a “margem” da economia urbana local. A sexta e última seção versa sobre o papel administrativo do poder público em relação a feira-livre da folha 28 do município de Marabá-PA.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a dinâmica da Feira-livre da folha 28 e das práticas cotidianas tecidas nos espaços da feira-livre da Folha 28 e a sua inserção no circuito inferior os objetivos específicos são:

2.2 ESPECÍFICOS

Identificar e analisar as atividades desenvolvidas na feira e no seu entorno e qual a relação dessas com os circuitos da economia.

Analisar a dinâmica sócioespacial da feira e a relação com o seu entorno nos dias de funcionamento.

Verificar a existência/efetividade de políticas públicas municipais voltadas para os feirantes da folha 28, no município de Marabá-PA.

Avaliar perfil dos sujeitos que dependem e frequentam a feira-livre da folha 28, e quais as suas práticas cotidianas?

3. BREVE HISTÓRICO, LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS

O surgimento da Feira-livre da folha 28, segundo os feirantes mais antigos e mesmo o senhor Abraão, presidente do Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá, surgiu depois da casa são João, em uma casa que segundo o mesmo, não existe mais. Aonde morava um senhor que se chamava Antônio Carajás, comerciante que chamava os vendedores de peixe, legumes e hortifrúti, para a frente do comercio dele, que era um comercio grande de secos e molhados

Outro fator preponderante para o surgimento da feira da 28 foi a enchente de 1980, onde os feirantes que trabalhavam no núcleo Marabá- Pioneira, após a cheia migraram para a Nova Marabá, e aí segundo o seu Abraão a “coisa aumentou”. Os feirantes começaram a construir barracas de lona, e Brasilit, era aquela “bagunça”, que foi crescendo.

De acordo com o senhor Abraão, o sindicato lutou bastante até que conseguiram construir a feira em 1994, sendo inaugurada em 1995. O espaço que compreende a feira atualmente, era uma praça que em parceria entre os feirantes e a prefeitura municipal de Marabá e a comerciários locais construíram os boxes da feira. Os feirantes contribuíram com o cimento e os materiais de acabamento, todos contribuíram, os que contribuíram menos contribuíram com meio saco de cimento, os outros deram de dois e de cinco e de dez sacos de cimento. O “cabeludo” (um antigo comerciante já falecido), dono de uma empresa de venda de areia e seixo, doou muitas carradas de areia e seixo. A prefeitura, segundo o senhor Abraão, dizia que não tinha condição de construir e sugeriu a parceria, de acordo com o mesmo, prefeitura deixou apenas os boxes feitos, não colocou, pintura e forro, apenas levantou os boxes.

Ao adentrarmos aos espaços da Feira-livre da folha 28, (figura 01, 02, 03 e 04) - para realizar as observações de campo, somos envolvidos pela sua ambiência, pelas colorações e aromas das frutas, verduras, peixes, etc. expostos ao ar livre, bem como pelas inúmeras barracas improvisadas, aonde diferentes sujeitos, com distintas trajetórias se enfileiram buscando levar para casa muitas vezes, a única fonte de sustento da família. Confesso que antes de realizar esta pesquisa já havia frequentado a Feira-livre da 28, porém, ao adentrar nos espaços que compreendem a feira, não apenas para consumir, mas para observar, analisar, ouvir e refletir nas diferentes histórias de trajetórias de vida, é como se naquele momento, surgisse “um novo olhar”, acredito que mais humano.

A seguir, convido o (a) leitor (a) a “adentrar” à feira-livre da folha 28, através de fotografias feitas em diferentes ângulos e caminhos percorridos pela pesquisadora na naquele local.

Figura 01: Uma das entradas nos espaços da feira-livre da folha 28.



Fonte: Trabalho de campo realizado em 2017.

Figura 02: Visão Panorâmica da feira-livre da folha 28.



Fonte: Trabalho de campo realizado em 2017.

Figura 03: Local da venda de peixe na feira-livre da folha 28



Fonte: Trabalho de campo realizado em 2017.

Figura 04: O comercio da feira-livre



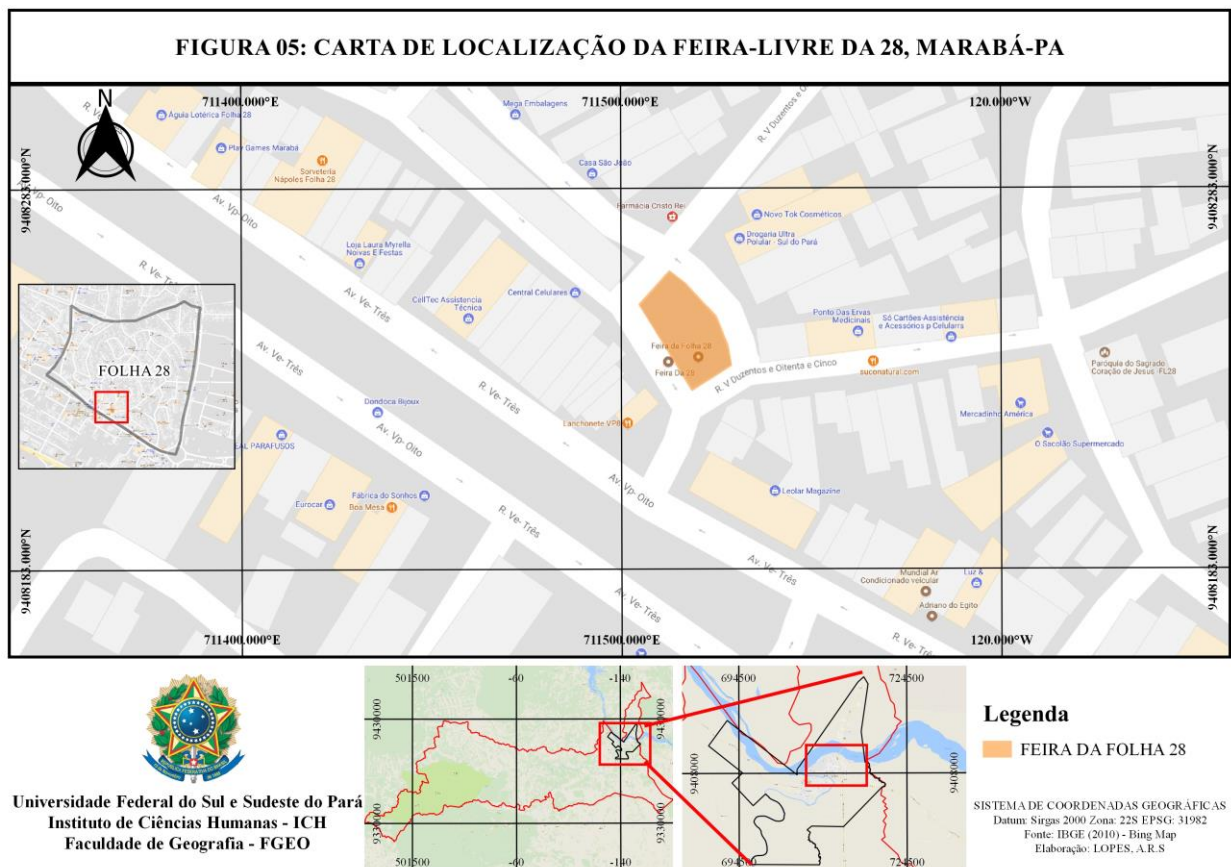
Fonte: Trabalho de campo realizado em 2017.

Durante minhas “idas à feira”, ao fotografar e observá-la, bem como os personagens que compõem aquele lugar, e os fatos inusitados que ocorrem na feira, como por exemplo os gracejos e jocosidades, as performances dos feirantes para atrair a clientela “olha a laraaaanja” – “a melancia tá doce, doce, igual mel”, “olha a banaaaana” - “açai, fresquinho da hora – foi tirado hoje – tá acabando, é só R\$ 8,00 oito reais!” - “olha o mamparáaa – olha o tambaqui - tá fresquinho - peixe bom e barato é assim só aqui na feira da 28”.

Nesse sentido, a feira-livre da 28 exerce um papel social importante, para além de um espaço, que é palco de vivências e construções de sociabilidades entre seus frequentadores. Lá tem a questão socioeconômica, uma vez que, a feira-livre da 28 é um importante entreposto gerador de empregos e rendas, ainda que, majoritariamente, na informalidade. A feira-livre da 28 é também um importante espaço de comercialização dos produtos advindos das zonas rurais no âmbito do município de Marabá, e municípios limítrofes. Nesse sentido, a feira-livre da 28, possui uma relevância socioeconômica para o município de Marabá, pois representa a complementariedade e muitas vezes a única fonte de renda de muitas famílias.

Atualmente, a feira-livre da 28 é uma feira muito popular, a feira é localizada no núcleo Nova Marabá na cidade de Marabá-PA, (figura 05), mesmo tendo outras feiras espalhadas pela cidade, alguns de seus “fiéis clientes” vem de outros bairros longínquos que dispõem de feiras próximas, para virem fazer a sua feira na “feirinha da 28”. Isso demonstra a importância da feira-livre da 28, enquanto um espaço de sociabilidades, de encontros, e de constante trocas de saberes e vivências cotidianas.

A feira-livre da 28 é uma feira que tem uma dinamicidade espacial, isto é, durante a semana possui um arranjo espacial, que é completamente alterado aos domingos e feriados. Tal dinâmica altera a configuração do espaço físico inerente a feira, bem como ao tráfego de veículos nas vias que a penetram.



4. AS FEIRAS-LIVRES, TRADIÇÃO E RESISTENCIA NO ESPAÇO-TEMPO.

4.1 - O SURGIMENTO DAS FEIRAS LIVRES.

Uma das ocorrências mais antigas que podemos inferir sobre as feiras ou mercados encontra-se em Mumford (1998, p. 85 *apud* Santos, J.E. 2013, p. 42), quando este constata que antes de Cristo elas já existiam. Assim: [...] “as duas formas clássicas de mercado, a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas, possivelmente já tinham encontrado sua configuração urbana por volta de 2000 a.C., a mais tarde”. O mesmo afirma ainda que elas foram “[...] precedidas pela forma ainda mais antiga do supermercado – dentro do recinto do templo”, pois, nesse período, os templos serviam não somente de locais do deus e dos sacerdotes, mas também onde os bens agrícolas e industriais sofriam a tributação antes de circularem, o que ocorre de maneira distinta no início da era cristã da sociedade humana, onde o templo chegou a servir também de mercado, conforme percebe-se na Bíblia Crista.

Na passagem bíblica do Novo Testamento, segundo o evangelho de João, capítulo 2, do versículo 13 ao 16, a primeira referência de feira depois de Cristo – d.C. Citando a proximidade da páscoa dos judeus, e a subida de Jesus Cristo para a cidade de Jerusalém, onde ao entrar no templo, “[...] encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados” no Templo de Jerusalém, o narrador desse Evangelho descreve elementos de indução de que ali, naquele momento, se realizava uma feira e/ou uma atividade comercial típica de mercado. Assim, esses fenômenos econômicos, sociais e espaciais – as feiras – não são tão recentes nos espaços urbanos.

Podemos encontrar também na literatura, menção aos mercados de rua na obra do poeta, ator e dramaturgo inglês Willian Shakespeare 1564-1616- D.c. em sua obra *O Mercador de Veneza*, escrita por volta de 1596, onde retrata a dinâmica de realização das feiras, onde os mercadores armavam tendas, os cambistas trocavam moedas, artesãos fabricavam, expunham e vendiam seus produtos em Veneza.

Convém ressaltar que, o surgimento das feiras foi precipuamente impulsionado pelas cruzadas, tendo em vista, que naquela época era necessária uma forma de atividade comercial, que atendesse as necessidades dos comerciantes e viajantes da época. Com o passar do tempo e através da produção excedente e da necessidade de se obter outros produtos não produzidos, se iniciou o processo de troca de produtos. Esta atividade de troca é tão antiga como a própria

história do homem e, com o seu crescimento, surge o comerciante, iniciando assim, a divisão social do trabalho. Nesse sentido, as feiras exerceram um papel importante no surgimento das cidades, na implantação do dinheiro, e na manutenção do capitalismo.

De acordo com (Andrade, 2015) com o declínio do feudalismo e o surgimento do modo de produção capitalista, esse mercado comercial teve sua propagação ligada ao crescimento das relações comerciais, ganhando uma nova configuração econômica. O comércio que antes se mantinha através das trocas de mercadorias transformou-se na economia de sistema monetário e em uma atividade comercial em expansão, exercendo um papel essencial na introdução do dinheiro e na conservação do capitalismo, como também no despontar de novas cidades.

Destarte, na busca de acumular capital com o desenvolvimento das rotas comerciais, surge um novo modelo para arrecadar lucro, o colonialismo, cujo propósito era explorar as riquezas naturais dos territórios descobertos pelas grandes navegações, nesse caso podemos citar o Brasil.

Segundo (MOTT, 1976):

As feiras livres existem no Brasil desde o período colonial, se constituindo como modelo de tradição cultural e atividade comercial inserida pelos portugueses, que, quando aqui chegaram, introduziram seus costumes e crenças, estabelecendo seus próprios processos culturais, haja vista que as feiras se constituíam numa inovação que era desconhecida da população nativa.

Para (MOTT, 1976,)

As feiras surgiram aqui no Brasil fazendo-se análogas ao modelo dos portugueses, que há tempos, já conheciam e praticavam essa atividade, quando o Brasil foi descoberto, já de longa data os portugueses estavam acostumados com o comércio nas feiras e mercados. Segundo esse mesmo autor, no ano de 1548, o rei Dom João III ordenou que um dia de cada semana se realizasse a feira livre, firmado assim a primeira feira livre no Brasil. Essa ordem foi implantada para que os nativos viessem vender seus produtos, assim como também comprar mercadorias.

Mas a intenção não era abastecer a população local, a ordem tinha o propósito de explorar certos produtos mais significativos que eram expostos pelos índios, para exportarem para a Metrópole. Desse modo, as feiras foram se espalhando para todo o Brasil, desempenhando assim, um papel preponderante no crescimento e surgimento de cidades em todo o país.

Atualmente, as feiras livres se constituem como mercados de rua ao ar livre, representando um ponto de encontro entre atravessadores¹, pequenos produtores rurais, feirantes e fregueses. As feiras-livres, tal qual a conhecemos hoje, possuem uma diversificada oferta de produtos, por exemplo: hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, laticínios, diferentes tipos de carnes, utensílios domésticos, ervas e especiarias medicinais, dentre outros elementos, desde os mínimos produtos que possam atender as camadas mais populares, perpassando também as camadas mais abastadas.

Forman (1979):

Classifica as feiras do nordeste brasileiro da seguinte forma: 1) feiras de consumo: mercados periódicos para a população rural de baixa renda, possuindo vendedores – que compram e vendem para si, que compram produtos de outrem e vendem os seus e que compram e vendem em todo lugar; 2) feiras de distribuição: são as grandes feiras nas quais os intermediários compram suas mercadorias e, depois as comercializam em outras feiras; 3) feiras urbanas de consumo ou de abastecimento: tipo de feiras que consorciavam um mercado diário e um semanal, ou dia de feira; 4) feiras de usina: são realizadas dentro da propriedade da usina e atendem às regiões vizinhas.

Faz-se importante destacar a existência de feiras mais sofisticadas, como as realizadas em bienais, exposições de animais, comuns em todo o mundo, cujo objetivo é o grande comércio. No Nordeste, as feiras de gado em Feira de Santana, a Feira de Caruaru e da Paraíba, foram preponderantes para a fundação e crescimento de muitas cidades nordestinas.

As feiras livres na região norte, em específico em Belém, capital paraense, tem uma dinâmica de funcionamento pautadas em seu processo de formação-territorial, de acordo com (MEDEIROS, 2010):

As feiras livres Belenenses surgiram no contexto histórico e social da exploração econômica da borracha Amazônica. Isto se deu em função da necessidade de abastecimento da cidade, acompanhado o intenso ritmo do crescimento demográfico da capital [...] desta forma, infere-se que o surgimento e a permanência dessas formas de comércio na capital paraense, deve-se a necessidade da população com menor poder aquisitivo, naquele momento histórico, (grifos do autor).

Ainda segundo (MEDEIROS, 2010, p. 61):

¹ Intermediário que compra mercadoria por um preço mais baixo para revendê-las a um preço mais alto.

ressalta que, as feiras livres Belenenses surgiram em pontos estratégicos da cidade, obedecendo a lógica e o movimento de estruturação da cidade. De início, tem-se a feira localizada as margens dos rios, como é o caso de um dos cartões postais da cidade a feira-livre do Ver-o-Peso, onde funciona como a principal feira-livre da cidade. Posteriormente, até pelo próprio crescimento demográfico da capital, outras feiras foram surgindo e se espalhando pelo tecido urbano Belenense.

Com efeito, (FORMAN, 1979):

Afirma que as feira- livres com suas trocas tendem a desaparecer, influenciadas pela ação dos atacadistas embora, conforme o autor, seja um fenômeno social e econômico viável, contudo compelido pela aceleração do mundo contemporâneo. Essa ideia não é compartilhada pelo geógrafo Milton Santos, conforme podemos analisar:

A presença de uma massa populacional com salários muito baixos, dependendo de trabalho ocasional para viver, ao lado de uma minoria com altos salários, cria na sociedade uma distinção entre os que tem um permanente acesso aos bens e serviços oferecidos e os que, mesmo apresentando necessidades similares, não podem satisfaze-las, isso cria ao mesmo tempo diferenças qualitativas e quantitativas de consumo. (SANTOS, 2012, p.95).

Nesse sentido, o circuito superior utiliza um importante e elevado nível de tecnologia de “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo”, geralmente do local de origem ou localmente adaptada ou recriada. “O primeiro é imitativo, enquanto, o segundo dispõe de um considerável potencial criativo”. Santos, (2012, p. 100).

Desta forma, as feiras-livres constituem-se como elementos, notadamente do circuito inferior da economia urbana, por conceber-se como modo de abastecimento muitas vezes precário, porém, essas duas formas de comercialização são importantes e intrinsecamente conectadas, uma vez que, uma depende da outra para perpetuar-se; um exemplo disso é a presença de elementos que em sua essência se constituem como elementos do circuito superior presentes nos espaços do circuito inferior, bem como elementos do circuito inferior presentes nos espaços notadamente do circuito superior.

Ressaltamos que as feiras livres, se situam na informalidade, principalmente no tocante a divisão social do trabalho, nos gestos e jocosidades inerentes as formas de vendas e das relações de proximidade entre feirantes e fregueses, aonde cria-se uma relação de troca que, não necessariamente está atrelada a mercadoria propriamente. Em contraste com os espaços que se atribuem ao circuito superior capitalista, onde a formalidade, o conforto e a

flexibilidade de horários, e o “autoatendimento” se constituem como a negação das relações humanas da proximidade, do diálogo, do toque, dos sons e aromas, característica celebre das feiras-livres.

Destarte, as relações entre espaço e formação social, são de outra ordem, pois elas se fazem num espaço particular e não num espaço geral, tal qual para os modos de produção. “Os modos de produção escrevem a história no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço”. Santos, (2012, p.29).

4.2 - O ESPAÇO DAS FEIRAS, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES.

As feiras-livres, enquanto espaço físico, caracterizam-se como um local amplo, aberto, que possibilita sua ocupação por diversos tipos de atividades que se caracterizam pela aglomeração de pessoas numa intensa coesão entre variados sujeitos, das mais diferentes classes, idades e necessidades. São vendedores de frutas, verduras; hortifrúti; artesanatos; carnes e laticínios; utilitários domésticos; serviços de consertos em geral; ervas e especiarias medicinais e dentre outros.

Outra característica inerente às feiras livres é a utilização de um espaço, que é alterado com a sua realização, ou que ganha uma nova configuração em seu dia de funcionamento, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas. Através da observação sistemática da dinâmica da feira, enquanto um espaço socialmente (re) produzido por diferentes sujeitos e com variados interesses; identifica-se uma forte carga de subjetividade que atua como elemento de coesão e que, contribui, fortemente, para a formação de uma identidade comum entre aqueles que as frequentam: feirantes e fregueses.

Segundo (BOECHAT; SANTOS, 2009, p. 01):

Uma feira constitui-se num espaço que se caracteriza através de uma função social que muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades de comércio varejista. É um espaço plural e fluido, cheio de sons, aromas, coloridos e personagens, que interagem com o seu histórico e suas relações de identidade; o que nos leva a imaginar a importância da feira e como seria cada cidade sem este ícone de história local e de sentimento de pertencimento.

Deste modo, os sujeitos que compoem e participam da feira, sejam os atravessadores, feirantes ou fregueses, muitas vezes, advindos de variadas localidades, quando muitos vêm da zona rural, ou outros municípios circunvizinhos e até de outros estados; carregados de produtos para serem comercializados em mais um dia de feira. Proporcionando uma rotatividade na configuração socioespacial, tornando a feira um espaço de fluidez. (SANTOS, 2008, p. 85):

Argumenta que o espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço, segundo esse mesmo autor, [...] o espaço é o resultado de um matrimônio ou um encontro, sagrado enquanto dura, entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. [...] podem as formas, durante muito tempo permanecer as mesmas, mas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferece-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes.

Com efeito, (Carlos; Souza; Espósito, 2011, p. 68): afirmam que:

O espaço produzido pela sociedade implica desconsidera-lo como existência real independente da sociedade. Já a reprodução do espaço recria, constantemente, as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital, do poder e de vida humana. A reprodução do espaço enquanto produto social é produto histórico e, ao mesmo tempo, realidade presente e imediata. Esta se realiza no cotidiano social e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar, num momento específico – revelando a dimensão do lugar como espaço-tempo da prática sócioespacial.

Deste modo, conforme analisamos o espaço, aqui, relacionando-se as características espaciais das feiras do ponto de vista epistemológico, agora faz-se necessário analisarmos as funções da feira do ponto de vista simbólico e material, onde as relações se tecem no cotidiano e/ou no dia de “fazer a feira”, nas sociabilidades construídas entre feirantes e fregueses, nas formas de vender o produto onde o principal instrumental é, além dos produtos expostos para que os respectivos frequentadores das feiras possam, apreciar, tocar, sentir o aroma é a linguagem, ou seja, o modo como os feirantes atraem seus fregueses, muitas vezes a partir do “gogo²”. (Raffestin, 1993, p. 100) argumenta que: “[...] O espaço e o tempo, são definidos pela área e pela duração relacionais, a linguagem ou as linguagens, são meios para mediatizar relações políticas,

²A expressão aqui se refere ao discurso oral utilizado pelo feirante para atrair a clientela e, fazer a propaganda de seu produto.

sociais, econômicas e/ou culturais num dado lugar e por uma duração específica”. Para (CERTEAU, 1998, p.153):

[...] as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”, as mesmas práticas se produziram ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca entre si- do trabalho, no serão da culinária as lendas e as conversas de comadres, das astúcias da história vivida as da história narrada.

Desta feita, as funções das feiras transcendem a função monetária, pois a feira enquanto um espaço vivido e percebido pelos seus feirantes, fregueses e frequentadores são em sua essência os sujeitos que participam e produzem e reproduzem tal espaço; deixando no espaço a sua “marca”. Deste modo, o espaço que compreende a feira tem sua função determinada pelos sujeitos ali existentes, pelas relações tecidas, pela arquitetura da feira, ainda que precária e arcaica do ponto de vista estético, assim, consideramos as feiras livres um cenário de tradição e resistência, considerando que a cidade e o espaço é um produto e obra dos agentes que o/a moldam conforme seus próprios interesses.

Com relação a cidade, como um produto e obra dos agentes sociais, Lefebvre (1991, p. 54) argumenta que:

Se considerarmos a cidades como obra de certos “agentes” históricos e sociais, isto leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu “produto”. Sem isso com isso separa-los. Não há obra sem uma sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagens e sem códigos. Tampouco há obra sem coisas, sem uma matéria a ser modelada, sem uma realidade pratico-sensível, sem um lugar, uma “natureza”, um campo e um meio. As relações sociais são atingidas a partir do sensível; elas não se reduzem a esse mundo sensível e no entanto não flutuam no ar, não fogem na transcendência. Se a realidade social implica formas e relações, se ela não pode ser concebida de maneira homologa ao objeto isolado, sensível ou técnico, ela não subsiste sem ligações, sem apegar aos objetos, as coisas.

Desta forma, as feiras enquanto locais de trabalho ou de divertimento, de negócios ou de lazer, são espaços de construções mediadas por saberes, por conhecimentos.

Diversos espaços podem contribuir para uma teoria da relação com o saber, através de uma abordagem que considere os sujeitos – sua interação com seus pares, a

dinâmica do desejo, sua fala e a atuação construídas em uma história que os articule à família, à sociedade, enfim, à espécie humana – engajados em um mundo no qual ocupam uma posição e onde se inscrevem em relações sociais (CHARLOT, 2000 apud ALMEIDA, 2009, p. 27).

4.3- REGULAMENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DA FEIRA.

As feiras-livres, enquanto espaços que se circunscrevem na paisagem urbana como uma forma anacrônica de comércio, palco de produção e reprodução de diferentes sujeitos sociais, organiza-se a partir da ação dos sujeitos que atuam diretamente, ou seja, os feirantes e seus fregueses e frequentadores. Todavia, as feiras-livres, têm se organizado, os feirantes cada vez mais têm se preocupado com a higiene e limpeza de seus espaços de trabalho e de seus produtos a serem vendidos, tendo em vista a organização de seu negócio esteticamente, até mesmo para atrair a clientela.

Atualmente, para regularizar e modernizar as feiras-livres e os mercados de rua, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae em parceria com as prefeituras municipais através de uma iniciativa denominada “Projeto de Revitalização de Espaços Comerciais” é uma iniciativa que propõe uma abordagem territorial capaz de criar um ambiente favorável à competitividade do comércio de rua, encarando de frente os desafios de manter e atrair novos consumidores.

Em 2014, o SEBRAE lançou um manual direcionado às prefeituras municipais, onde buscava auxiliar o poder público municipal a captar recursos via Ministério das Cidades (M. das Cidades), a fim de viabilizar sua participação no processo, mais especificamente para intervenções estruturais, como melhorias em calçadas, rede de esgoto e de águas pluviais, aterramento de fiação e coleta de lixo, porém, tal iniciativa não se efetiva no âmbito nacional, trazendo para a escala local, ainda não há uma iniciativa consolidada, todavia, em visita ao Sebrae – polo Marabá-PA, foi relatado que, na feira-livre 07 de julho, na Marabá Pioneira, iniciou-se um diagnóstico de origem de produção, mas que ainda está no iniciando, sem muitas pretensões, ou quaisquer apoios por parte da prefeitura municipal. Esta visita ao Sebrae, ocorreu na primeira quinzena do ano corrente (2018).

No ano corrente (2017), a Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), lançou o edital 01/2017 simplificado, com o objetivo de selecionar empreendimentos da Agricultura Familiar para recebimento da doação de kits-Feira. A ideia é disponibilizar 3.200 kits que beneficiarão 320 organizações em todo o país.

Os selecionados receberão, no mínimo, 10 kits contendo, cada um: uma barraca de feira desmontável medindo 2,00m x 1,00m; dois bonés; dois aventais; e quatro caixas plásticas. Os critérios de pontuação vão considerar os agricultores que tiverem uma parceria formal com a administração municipal para a realização de feiras livres, receberem Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), possuírem o Selo de Identificação da Agricultura Familiar (SIPAF) e certificação orgânica, dentre outros requisitos constantes no edital.

Do mesmo modo, no âmbito municipal, podemos encontrar referência as Feiras Livres e mercados de rua nos dispositivos legais do município, a saber: PPA – Plano Plurianual do Município 2014/2017, na Lei Nº. 17.213 de 09 de outubro de 2006, ainda vigente e em fase de revisão, que institui o Plano Diretor Participativo de Marabá e institui e criou o Conselho Gestor do Plano Diretor e dá outras providências. E na Lei Orgânica do Município de Marabá-PA. A seguir (quadro 01) um quadro sintetizado do que dizem estes dispositivos legais acerca de nosso objeto de estudo:

**Quadro I:
Dispositivos legais que contemplam as feiras-livres Marabaenses.**

	Seção	Objetivos
Plano Plurianual do Município – PPA 2014/2017	Comércio	Desenvolver economicamente o comércio entre as micros e pequenas empresas e estruturar os centros de compras locais (bairros, folhas, ruas, feiras e avenidas)
	Desenvolvimento Sustentável da Agricultura	Implantar feiras-livres
	Desenvolvimento Sustentável da Agricultura	Manter feiras-livres
	Desenvolvimento Sustentável da Agricultura	Capacitar agricultores/produtores e feirantes
	Desenvolvimento sustentável da agricultura	Incentivar o consumo dos produtos da agricultura familiar no Município
Plano Diretor	Comercio e Serviços	Apoiar e promover atividades de capacitação nas áreas de Manuseio de alimentos, gestão de negócio e comercialização, junto aos comerciantes locais, feirantes e vendedores

		ambulantes.
	Comercio e Serviços	Incentivar a formação e instalação de Feiras dos produtores, a fim de aproximar os consumidores dos produtores rurais.
	Setor Agropecuário	Incentivar o abastecimento de Feiras do Produtor e de entrepostos de comercialização localizados estrategicamente.
Lei Orgânica do Município	Da Competência Privada	Promover os mercados e as Feiras
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Viabilizar a implantação de Feiras do Produtor e de entrepostos de comercialização localizados estrategicamente.
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Intervir no sistema de abastecimento local, desenvolvendo programas sociais específicos, no sentido de garantir a oferta de alimentos básicos a população, dando prioridade a estrutura varejista de feiras livres e mercados.
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Garantir o escoamento da produção, principalmente ao pequeno produtor, sendo responsável por abrir estradas vicinais e dar manutenção às já existentes.
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Garantir, como forma de incentivo ao pequeno produtor, meios e condições de transportes para escoamento de sua produção

	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Destinar áreas nas feiras-livres e mercados aos pequenos agricultores, para comercialização de seus produtos
--	---	--

Fonte: Marabá 2014, 2006 e 2009. Org.: SILVA, M. C. A, 2017.

Analisando o quadro 01, podemos inferir que no atual plano plurianual do Município de Marabá 2014/2017 (MARABÁ, 2014), as ações que estão previstas para serem desenvolvidas são: implantar e manter feiras-livres, incentivar o consumo dos produtos da agricultura familiar no Município e capacitar agricultores/produtores e feirantes. Assim, tenta-se seguir o que está previsto no plano diretor do Município e na sua Lei Orgânica.

Do mesmo modo, o segundo quadro institui que é dever do município: apoiar e promover atividades de capacitação nas áreas de manuseio de alimentos e de gestão de negócios e de comercialização junto aos feirantes; incentivar a formação e a instalação de feiras de produtores, a fim de aproximar os consumidores dos produtores rurais; e estimular o abastecimento de feiras e mercados locais e regionais (MARABÁ, 2006)

A Lei Orgânica do município de Marabá-PA destaca como competência do Município, promover os mercados e as feiras-livres, com destaque para a implantação de feiras do produtor, tendo em vista o abastecimento do mercado interno, dado o seu caráter social, deve ser priorizado, com evidência ao desenvolvimento de sistemas de comercialização direta entre produtores e consumidores (MARABÁ, 2009)

Em continuidade, compete também ao Município de Marabá, intervir no sistema de abastecimento local e desenvolver programas sociais específicos que garantam a oferta de alimentos básicos à população, dando prioridade à estrutura varejista de feiras-livres e mercados (MARABÁ, 2009)

Dessa forma, o lado comercial das feiras-livres é o que mais se destaca.

Com a finalidade de garantir o escoamento da produção, principalmente ao pequeno produtor, está previsto também que o Município se responsabilize em relação à abertura de estradas vicinais e a manutenção das já existentes, bem como garantir, como forma de incentivo ao pequeno produtor, meios e condições de transportes para escoamento de sua produção (MARABÁ, 2009)

Nesse sentido, a prefeitura é responsável por destinar áreas nas feiras-livres e nos mercados aos pequenos agricultores para comercialização de seus produtos, além de criar um programa de armazenamento comunitário, com a implantação de armazéns ou depósitos localizados em pontos estratégicos do Município, onde a agricultura familiar apresente significativo potencial produtivo. “A sua política agrícola, agrária e fundiária, por seu turno, deve ser formada e executada com efetiva participação dos diversos setores da população da cidade e do campo” Marabá, (2009).

5 - O CIRCUITO SUPERIOR E O INFERIOR DA ECONOMIA URBANA, À LUZ DA TEORIA DOS CIRCUITOS ECONÔMICOS DO GEOGRAFO MILTON SANTOS.

O geógrafo Milton Santos em sua trajetória intelectual, sempre demonstrou uma certa preocupação e interesse em compreender e analisar as cidades do terceiro mundo, suas relações de dependência com o primeiro mundo, bem como suas especificidades, as relações mantidas com a região, a configuração das redes urbanas, ou ainda a organização de seus espaços internos. Milton Santos, também se dedicou-se com mais intensidade aos debates sobre demografia e economia urbana, enfatizando o papel das diferentes atividades e tipos de empregos existentes nas cidades e o papel por eles desempenhados. Em sua obra, “*Da Totalidade ao Lugar*”, Santos (2012), com ênfase no capítulo seis: ‘*Os Dois Circuitos da Economia Urbana e Suas Implicações Espaciais*’, Milton Santos disserta com veemência as características dos países subdesenvolvidos, e sua dependência em relação aos países considerados de primeiro mundo.

Avançando em sua obra, o autor também destaca “As Cidades Locais”, aqui o autor faz uma breve caracterização de suas especificidades, considerando que essas cidades estão inseridas em uma rede urbana, enquanto produtoras e na condição da divisão territorial do trabalho, processo esse que engendra transformações nos conteúdos socioespaciais dessas localidades.

Assim, tendo em vista a atual conjuntura do período atual ao qual estamos inseridos, marcado por processos de globalização e fragmentação, aonde o espaço é dotado de uma aceleração, fluidez, ciência, técnica, informação e racionalidade, no qual se circunscreve também, o aumento do desemprego, da precarização das relações de trabalho e da pobreza.

Desse modo, segundo Santos, (2013, p. 21): “o meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo”. É ali onde se instalam as atividades hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais. Diante disso, a teoria dos dois circuitos da economia urbana se reforça e se faz necessária, no que tange a possibilidade de apreensão das dinâmicas urbanas.

De acordo com (SANTOS, 2012):

As tendências da modernização contemporânea, produtos do sistema tecnológico, são controladas pelo poder da indústria em grande escala basicamente representada pelas firmas multinacionais, nos países subdesenvolvidos, as repercussões deste novo período histórico são muitas profundas.

Pela primeira vez na história desses países, variáveis elaboradas no exterior tem uma difusão geral sobre toda ou sobre a maior parte do território e afetam todos os habitantes, embora em diferentes níveis. Nesse sentido, a difusão da informação e de novas formas de consumo constituem dois dos maiores elementos da explicação geográfica, pois elas geram ao mesmo tempo, ambas as formas: a de concentração e a de dispersão, cuja interação define os modos de organização espacial.

Nesse sentido, de acordo com Santos (2012): as modernizações no terceiro mundo, incluída a difusão de informações e do consumo não se dão de forma homogênea, tanto entre os indivíduos como no território”. Isto é, as modernizações produtivas e de circulação, o acesso ao crédito, que nos países subdesenvolvidos fortalece-se uma divisão de trabalho que, entre outros fenômenos, se evidencia nas diferentes formas de produção e de comércio, e em como se inter-relacionam, é nesse contexto que Santos propôs a teoria dos circuitos da economia urbana.

Para (SANTOS, 2012, p. 97):

A economia urbana é formada por um circuito superior, incluindo uma porção marginal, e um circuito inferior, que não podem ser vistos de forma dissociada, sendo que as diferenças entre ambos está atrelada as diferenças de capital, tecnologia e de organização, [...] simplificando, pode-se afirmar que o fluxo do circuito superior está composto de negócios bancários, comércio de exportação e indústria de exportação, indústria moderna, comércio moderno, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. O circuito inferior está essencialmente constituído por formas de fabricação de “capital intensivo”, por serviços não modernos, geralmente abastecidos pelo nível de venda de varejo e pelo comércio em pequena escala e não moderno, [...].

Nesse sentido, a seguir Milton Santos disserta a dificuldade metodológica em definir de forma exata os dois circuitos econômicos da economia urbana:

[...] a definição não é rígida. Quando consideramos a população que está ligada a cada um dos sistemas, muitos desvios têm que ser notados. Todos os níveis da população podem estar ligados ao consumo fora dos sistemas a que pertencem: este é um fenômeno de consumo parcial ou ocasional da parte das categorias sociais ligadas a outro circuito. O consumo da classe média segue padrões que podem ser relacionados tão frequentemente com a categoria prosperas, como a das menos favorecidas. [...] quanto as atividades, algumas que possuem principalmente as características de um dos circuitos, podem também participar das do outro, [...] (SANTOS, 2012, p. 99).

Em continuidade, Santos (2012), ressalta ainda que: “nem todas as cidades do terceiro mundo, terão sua economia urbana composta de todas as atividades que caracterizam os dois circuitos econômicos da economia urbana”. Nesse sentido, isso dependerá das circunstâncias históricas do crescimento urbano em que foi formada sua economia, isto é, poderá haver cidades que possuam um volume considerável dos dois elementos, cujo fator qualitativo e quantitativo não serão os mesmos.

A seguir um quadro (quadro 02), sintetizado dos elementos que caracterizam a teoria dos dois circuitos econômicos, formulada pelo Geógrafo Milton Santos ainda na década de 1970, sendo: *circuito superior* e *circuito inferior* da economia urbana.

Quadro II: Elementos do Circuito superior e inferior da economia urbana

	Circuito Superior	Circuito Inferior
TECNOLOGIA	Elevado nível tecnológico, uma tecnologia de “capital intensivo”, sendo imitativa.	No circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo”, de um considerável potencial criativo.
CAPITAL	O capital é elevado, baseado principalmente no crédito bancário.	O capital é baixo, baseado no dinheiro líquido
EMPREGO	Reduzido	Volumoso
RELAÇÕES DE TRABALHO	Formais	Formal/informal
ESTOQUES	Grande vulto	Zero/insignificante
PREÇOS	Os preços são baseados em regras do mercado, isto é, são fixos. A tarefa primordial é a	Os preços são volúveis, podem ser negociados, a sobrevivência e

	acumulação de capital, para a manutenção da atividade e do progresso tecnológico.	assegura a vida familiar diária.
CREDITO	A atividades do circuito superior dispõem de credito bancário, frequentemente as firmas criam e controlam os bancos, sendo um meio de controlar outras atividades, ou absorvê-las.	As atividades do circuito inferior estão simultaneamente baseadas no credito e no dinheiro liquido, credito pessoal direto (fiado ³)
RELAÇÃO COM A CLIENTELA	Baseada em sistema de credito bancário	Dinheiro liquido, confiança, amizade.
REUTILIZAÇÃO DOS BENS	Nula ou insignificante	No sistema inferior, uma de suas bases de atividade é a reutilização de tais bens, isto é facilmente verificável tanto no vestuário, quanto no conserto de utensílios e automóveis, ou não construção de casas.
PUBLICIDADE	A atividade do circuito superior é baseada em anúncios, uma das ofensivas usadas para alterar e modificar o perfil da demanda.	No circuito inferior a publicidade não é necessária, sua propaganda é feita diretamente com o freguês, baseada na qualidade do produto e do atendimento. E também não seria possível, pois os lucros servem diretamente a subsistência do agente e sua família.
AJUDA GOVERNAMENTAL	As atividades do circuito superior se beneficiam direta ou indiretamente da assistência governamental, pois depende em grande parte de capital elevado, frequentemente obtido como o Estado.	Nula, e quase sempre dão lugar a perseguições, como é o caso dos vendedores ambulantes em muitas cidades.
DEPENDENCIA DIRETA DO EXTERIOR	No circuito superior da economia urbana, os resultados de sua atividade e/ou a administração está frequentemente integrado e dependente das oscilações	O circuito inferior da economia urbana, está bem mais integrado a economia local, ou regional.

³ Forma de credito pessoal baseado na confiança e amizade.

	dos mercados financeiros em outras regiões do país ou do exterior.	
--	--	--

Fonte: SANTOS (2012); Org.: SILVA, M. C. A. da, 2018.

Em continuidade, do ponto de vista da organização do espaço, sob a ótica macroespacial, considerando neste caso; os dois circuitos econômicos da economia urbana em países subdesenvolvidos, devemos considerar alguns fatores, tais como: o processo de formação espacial histórico, o processo de urbanização, a ação do Estado, o nível de modernização e industrialização, se distribuído ou polarizado em zonas *cores*, característica frequente nos países subdesenvolvidos.

SANTOS (2012, p. 111), afirma que:

[...] as metrópoles regionais históricas da periferia se desenvolvem em diferentes momentos, mas não possuem força para manter entre si conexões bilaterais. Tudo, ou quase tudo, no campo econômico sofre a influência da metrópole econômica nacional; [...] devido a concentração de atividades e de recursos em uma dada cidade, a última é o centro vital da vida nacional, independentemente do nível de industrialização, de modernização e de urbanização do país e da própria cidade. Essa aglomeração, assim, privilegiada, desempenha o papel da industrialização do país e da própria cidade.

Nesse sentido, do ponto de vista da organização do espaço, em um nível macroespacial, portanto, pode-se afirmar que, o circuito superior da economia urbana detém de uma maior hegemonia para uma (re) organização macroespacial, levando-se em consideração seu nível de organização, tecnologia, capital, e assistência e apoio governamental. Em contrapartida o circuito inferior, pouco consegue se articular ao nível nacional, dado ao seu nível de organização, e inferioridade, se comparado ao circuito superior da economia. Isto não quer dizer que o circuito inferior não seja importante para a economia urbana pois, por ter um nível de arranjo voltado principalmente, a economia urbana local ou regional, além de ser uma alternativa à camada menos favorecida da economia urbana, que não dispõe dos mesmos padrões de consumo e acesso a serviços, que camadas mais solváveis participantes e integrantes do circuito superior da economia urbana.

Por outro lado, de acordo com SANTOS (2012, p. 113):

[...] em conclusão, podemos afirmar que, as relações entre cada um dos dois sistemas de fluxo da economia urbana, de um lado, e a macro organização do

espaço, de outro, são condicionadas tanto pelas condições históricas gerais, sob as quais as modernas atividades tem penetrado no país, como através do papel desempenhado pelo Estado enquanto intermediário privilegiado entre os agentes de inovação e as realidades nacionais [...].

Todavia, faz-se importante destacar que, os dois circuitos econômicos da economia urbana, não podem ser analisados de forma dissociativa, ao tempo que os dois circuitos se articulam e são importantes agentes (re) organizadores do espaço urbano.

5.1- O CIRCUITO A “MARGEM” DOS CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR DA ECONOMIA URBANA.

Conforme foi destacado no tópico anterior, *os dois circuitos da economia urbana – sendo o circuito superior e o circuito inferior* Santos, (2012), - podem ser compreendidos a partir de seu nível de organização, infraestrutura, tecnologia, capital e geração de emprego. Tendo em vista que, nos países subdesenvolvidos, tal proposição também pode ser analisada a partir de uma escala de nível de organização que de acordo com Santos (2012): “[...] no circuito superior podem se distinguir atividades ‘puras’, ‘impuras’ e ‘mistas’”.

Na primeira, se enquadra a moderna indústria, o comércio e os serviços modernos. Já a indústria e o comércio de exportação e os negócios bancários se constituem como atividades impuras. As vendas por atacado e transportes são atividades de categorias mistas, em virtude de sua dupla ligação com os dois circuitos. Para Santos (2012): “[...] a existência de formas mistas não afeta de nenhum modo a definição de cada sistema, uma vez que o comportamento de cada uma dessas atividades é, em cada caso, um composto das características de cada circuito”.

Destarte, (SANTOS, 2009, p. 323), afirma que a cidade é:

[...] palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos, ela pode atrair multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pelas modernizações da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade sócioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e de vida.

Com isso, aliás, tanto se ampliam a necessidade e as formas da divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação. É por aí que a cidade encontra o seu caminho para o futuro.

Nesse sentido, a noção de escala faz-se necessário, tendo em vista que de acordo (SANTOS, 2008, p. 91): “[...] a noção de escala é, então, essencial para se compreender a diversidade e o choque entre intencionalidades em diversos níveis, as quais se revelam através de decisões e tem repercussão na ordem econômica, cultural, política e moral, assim como na ordem territorial”.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o circuito superior pode ser medido através de uma escala, aonde considerando os requisitos para distinção entre circuito superior e inferior da economia, existem aquelas organizações que podem ser consideradas uma junção entre as “impuras” e “ mistas”, tendo em vista o seu nível de infraestrutura, uso de tecnologia limitado, organização, capital e publicidade baixo, dentre outras características que definem os dois circuitos; não se enquadra fidedignamente a nenhum dos dois circuitos da economia urbana, mas tem características de ambos, podendo ser considerando um circuito “a margem”.

6 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em meu percurso metodológico, primeiramente iniciei a pesquisa bibliográfica referente ao tema da pesquisa, como por exemplo: através de artigos, monografias, dissertações dentre outros trabalhos relacionadas a temática ao qual estava interessada a pesquisar.

No entanto, surgiu-me alguns questionamentos em detrimento de minha temática ser ou não relevante. Desse modo veio-me os seguintes questionamentos: o porque de se estudar as feiras-livres, precipuamente a feira-livre da folha 28? As feiras-livres são importantes como objeto de estudo acadêmico? Qual a relevância das feiras para os estudos geográficos?

Desse modo, para a elaboração desta pesquisa, foi necessário a aplicação das bases teóricas e metodológicas de autores que pesquisam sobre as feiras-livres urbanas, e os circuitos da economia urbana, utilizando-se da teoria dos *circuitos econômicos – Circuito superior e inferior* da economia urbana do Geografo Milton Santos (2012), desse modo, tais atividades foram desenvolvidas da seguinte maneira:

Pesquisa Bibliográfica Preliminar: esta etapa compreende a pesquisa e estudo de bibliografias especializadas, aonde permitisse o entendimento da dinâmica das feiras-livres, bem como elas se inserem no circuito inferior da economia urbana.

Elaboração de Questionários: Elaboração de questionários inicialmente direcionados apenas aos feirantes e os frequentadores da feira-livre da folha 28, a fim de compreender qual o perfil dos feirantes e dos frequentadores, e a percepção e importância em relação a feira-livre da folha 28. Posteriormente, também foi necessário a realização de uma entrevista semiestruturada com os presidentes da associação e sindicato dos feirantes, objetivando entender o regimento interno da feira, além da realização de entrevistas semiestruturadas com as secretarias municipais que regulam as feiras-livres Marabaenses, para tanto, também foi necessário a construção de um roteiro, a fim de permitir o entendimento o papel do poder público municipal na regulação e assistência as feiras-livres da referida cidade.

Trabalho de Campo: trata do reconhecimento físico dos espaços da feira-livre da folha 28, a partir de observações, dos diálogos com feirantes e seus fregueses, e das entrevistas para com as secretarias municipais que regulam/administram a feira-livre da folha 28.

Laboratório: esta etapa trata da análise e reflexão dos dados coletados, da transcrição e análise das entrevistas, da redação do trabalho, e da produção cartográfica.

6.1 - Pesquisa bibliográfica preliminar

A pesquisa bibliográfica preliminar foi utilizada com o intuito de buscar o embasamento teórico a respeito dos temas discutidos na elaboração desta pesquisa. Dentre os trabalhos mais relevantes dentro da temática escolhida, encontra-se os trabalhos de (ANDRADE, 2015), que pesquisou as feiras-livres de Caicó-RN, aonde se dedicou a investigar a dinâmica e as transformações socioespaciais pelas quais a feira-livre de Caicó-RN, vem passando, e sua resistência às estruturas comerciais modernas, ou seja, os supermercados, e em como a feira-livre se insere no circuito inferior da economia urbana, por ser uma atividade tradicional, com características rústicas e métodos tradicionais de venda e o intenso uso da mão-de-obra.

(Godoy, 2005), em sua tese de doutoramento discute as feiras-livres, inserindo-as numa perspectiva de sistemas locais de comercialização, integrado(as) ao circuito inferior da economia urbana de países em processo de desenvolvimento, as quais veem seu espaço ameaçado diante do avanço das grandes organizações varejistas. (ALMEIDA, 2009) nessa dissertação de mestrado, a autora busca identificar os saberes e fazeres, dos feirantes e fregueses que “fazem a feira” do bairro Major Prates em Montes Claros/ Minas Gerais, construídos através da cotidianidade e que contribuem para suas atividades na Feira. Através da observação das relações tecidas naquele espaço, a autora verificou as práticas cotidianas no contexto da feira-livre a partir da análise das *artes de dizer* – das jocosidades, risos e performances que os feirantes usam para atrair os fregueses – *de nutrir* – gestos de escolhas e manipulação da matéria – e de fazer etnomatemático – modo peculiar de medir, calcular, estimar e arredondar que os feirantes utilizam, considerando a pouca ou nula escolaridade, do ponto de vista formal.

(VEDANA, 2004). Em sua dissertação de mestrado, a autora faz um estudo etnográfico sobre as práticas cotidianas no contexto das feiras-livres em Porto Alegre-RS, com ênfase na feira-livre de Epatur, analisando-a a partir das performances dos feirantes para atrair a sua clientela em suas “artes de nutrir” – gestos de manipulação da matéria e suas “artes de dizer” – as jocosidades, performances e jogos corporais para atrair seus clientes.

Também foi consultado algumas obras do professor Milton Santos, um dos maiores Geógrafos contemporâneos, consulte as seguintes obras do professor Milton Santos - (A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 2009) , (Técnica, Espaço e Tempo, 2013), (Metamorfoses do Espaço Habitado, 2008) e (Da Totalidade ao Lugar, 2012), com ênfase no capítulo 06 – *Os Dois Circuitos da Economia Urbana e Suas Implicações Espaciais* este último serviu como base teórica na construção deste trabalho, tal escolha parte não

apenas pela importância do mesmo na Ciência Geográfica, mais tendo em vista a interpretação mais próxima daquilo que permeia a realidade de meu objeto de estudo, isto é, considerando a diversidade das dinâmicas urbanas existentes nos países subdesenvolvidos. Nessa perspectiva, a cidade em suas diferentes formas, produzidas e reproduzidas por diferentes agentes com seus distintos interesses, é um importante campo de investigação acadêmica, precipuamente no tocante a apreensão das dinâmicas urbanas, nesse sentido a *Teoria dos Circuitos da Economia Urbana* sendo – *Circuito Superior e Inferior da Economia Urbana*, do professor Milton Santos, foi de fundamental importância neste trabalho. Uma vez que as feiras-livres, nesse contexto, considerando as seguintes características: tecnologia baixa ou inexistente, a tecnologia neste caso é o trabalho intensivo, a quantidade de capital investido, a geração de emprego e as relações de trabalho, são majoritariamente informais e muitas das vezes de cunho familiar, o estoque é nulo ou insignificante tendo em vista que, a mercadoria é comprada com base no que será vendida no dia, até por que manter um estoque requer custo financeiro, o que não seria possível, uma vez que a prioridade do negócio é para garantir a sobrevivência da família, os preços não necessariamente são fixados com base no mercado, mas negociáveis, a relação com a clientela é informal, baseada principalmente na confiança e amizade, não necessitando de crédito bancário. No circuito inferior a reutilização é quase que uma regra, a publicidade é feita no “boca a boca”, baseada na recomendação a partir da qualidade dos produtos e especialmente no bom atendimento. Quanto a ajuda governamental é quase que nula ou insignificante, pois que, no circuito inferior da economia urbana, a dependência direta do exterior é nula, uma vez que pelas características citadas anteriormente, o circuito inferior da economia urbana, está bem mais integrado a economia local, ou regional.

Além disso, também foi consultada as obras de (BOECHAT, SANTOS, 2009), (FORMAN, 1979), (LEFEBVRE, 2001), (MOTT, 1976), este autor faz um estudo da história do pequeno comércio (feiras-livres) no Brasil através da minuciosa leitura de documentos históricos, este autor foi de fundamental importância para que pudesse entender a história das feiras-livres, aonde as mesmas estão intrinsecamente correlacionadas a origem de muitas cidades. (CERTEAU, 1998), este autor foi de fundamental importância para o entendimento das “práticas cotidianas”, tecidas nos gestos, e performances dos sujeitos envolvidos na feira - em suas “artes de fazer”, dentre outras obras relevantes a temática estudada.

6.2 - Elaboração de questionários

O objetivo desses formulários era identificar e conhecer o perfil dos sujeitos diretamente envolvidos na feira-livre da folha 28, - os *feirantes* e a sua clientela “fregueses” da feira. O questionário foi aplicado nas imediações da feira-livre, foram escolhidos de forma aleatória 50 feirantes e 50 fregueses, estes foram distribuídos em 24 perguntas direcionadas aos feirantes e 9 perguntas direcionadas aos fregueses. Do mesmo modo, foi necessária a construção de um roteiro de entrevista direcionada ao presidente da associação dos feirantes, e ao presidente do sindicato dos feirantes. E também foi construindo um questionário para departamento de vigilância sanitária, simultaneamente um questionário para a Superintendência de Desenvolvimento Urbano – SDU, e o Departamento de Postura de Marabá.

O questionário direcionado aos feirantes, foi preenchido de forma manual de acordo com as repostas dos feirantes composto de 24 perguntas, assim as perguntas 01, 02, 03 e 04, foram perguntas de cunho pessoal, tais perguntas funcionavam como uma abordagem inicial, aonde primeiramente a pesquisadora se identificava, explicava o objeto da pesquisa e quando o feirante se disponibilizava a conceder a entrevista, se iniciava a entrevista, convém ressaltar que o questionário foi preenchido de forma manual. A pergunta 05, tinha o objetivo de saber se o feirante vive unicamente da feira, ou se a feira era apenas um hobby⁴, a pergunta 06 tinha como alvo confirmar a pergunta anterior. A pergunta 07, objetivava saber a quanto tempo o mesmo se dedica a atividade de feirante.

A pergunta número 08, não era exatamente uma pergunta, mas uma verificação, pois bastava olhar em seu boxe ou barraca; a 09 tinha o objetivo de saber se o feirante era em sua essência um comerciante, que comprava a mercadoria a ser vendida de atravessadores, ou se este se tratava de um agricultor que comercializava o seu excedente. A pergunta 10 verificava a anterior, a 11 objetivava saber de onde vem a mercadoria comercializada pelo feirante, se proveniente de produção no âmbito do município ou de outras regiões.

A pergunta de número 12, tinha como objetivo saber se o feirante tinha fregueses fixos, isto é. pautado em suas “artes do fazer” (CERTEAU, 1998), pois para o feirante ter clientes fixos, seria necessário que o mesmo “cativasse” seus clientes”. A pergunta de número 13, tinha como desígnio saber se o feirante tinha ajudante, tendo em vista, a natureza do negócio, se familiar, ou se capitalizado. A 14 e 15 tinha como finalidade entender um pouco

⁴ Passatempo, diversão.

da rotina do feirante, buscando romper um pouco da seriedade da entrevista, a 16 e 17 objetivavam saber se feirante também consome na feira, ou se considera a feira apenas como seu local de trabalho, retirando a identidade do feirante com a feira. A 18 tinha como objetivo compreender o nível de capitalização do feirante. a pergunta 19 buscava entender a relação que o feirante tinha com seus demais colegas de trabalho, a 20 tinha como objetivo saber se o poder público municipal tem dado assistência a feira do ponto de vista infraestrutural e técnico (fiscalização do espaço e dos produtos comercializados, além de programas/políticas voltados aos feirantes.

A pergunta de número 21, tinha como escopo saber do regimento interno, como é a organização dos espaços, quem administra o espaço físico da feira, e atua na resolução de reivindicações, resoluções de eventuais conflitos, dentre outras questões que possa ocorrer na feira. A 22 e 23, buscava saber se o feirante era associado ao representante da feira, e em caso de negativa, o porquê da negativa. A pergunta 22 e 23 são perguntas pessoais direcionadas ao feirante, buscando compreender a sua jornada diária, as dificuldades em trabalhar na feira, e quais as vantagens que há em trabalhar na feira. E finalizando a entrevista, a pergunta de número 24, tinha o propósito de saber do feirante, como um sujeito que vive diariamente na/da feira, como o sujeito apito e conhecedor da realidade da feira, propor sugestões, que possa de fato melhorar a feira.

O questionário direcionado aos fregueses, é composto de 9 perguntas, o mesmo foi preenchido de forma manual e de acordo com as respostas dos fregueses. As perguntas 01, 02, 03, 04 e 05 eram perguntas iniciais, buscando ter contato com o frequentador. Porém antes de tudo, me identificava, e explicava o propósito e a relevância da entrevista, deixando claro a temática estudada, e ao final deixava a critério do entrevistado conceder ou não a entrevista.

A pergunta de número 06 e 07 tinha como finalidade identificar com que frequência o cliente vem a feira, e o por que da escolha da feira-livre da folha 28, para compra de seus mantimentos. E quais produtos tem a sua preferência, e se compra sempre esses mesmos produtos (se tornou um freguês) ou se vai a feira apenas esporadicamente, sem que mantenha uma relação identitária com aquele espaço e com os sujeitos que atua naquele espaço. Na mesma perspectiva é a pergunta de número 08, esta pergunta tinha como objetivo analisar a relação que esse freguês tem com os feirantes. E a última, a pergunta 09, tinha como objetivo saber do freguês/frequentador a sua opinião em relação a feira, se o mesmo considera a feira-livre da folha 28 para o desenvolvimento local, bem como para a reprodução socioeconômica dos feirantes.

O questionário confeccionado para a entrevista com o presidente da associação, o senhor Marinho Silva foi composto 13 perguntas, objetivando identificar informações da história da feira, do seu regimento, dos feirantes, dentre outras informações pertinentes que pudesse surgir ao longo da entrevista. A entrevista ocorreu na feira-livre da folha 28, o questionário foi preenchido de forma manual, pois o senhor Marinho não permitiu que a mesma fosse gravada. Nesse sentido, as perguntas de número 01, 02, 03 e 04 eram perguntas de cunho pessoal, para que a entrevista fluísse um pouco menos protocolar e vazia; todavia antes de mais nada, primeiro me identificava, em seguida explicava o meu tema de pesquisa e da relevância da concessão da sua entrevista para a construção da pesquisa. Posteriormente, após as devidas identificações e explicações, foi realizada a entrevista.

A pergunta 05 tinha como objetivo identificar a (Geo) história da feira, a questão 06 objetivava identificar o quantitativo total de feirantes, entre os que trabalham semanalmente e os que só trabalham na feira aos domingos. A 07 e 08 tinha a pretensão de identificar se a disposição do layout da feira seguia um padrão (disposição das barracas e mesmo dos boxes é de acordo com os produtos comercializados), a pergunta de 09 e 10 tinha como fim identificar se o poder público municipal dar alguma assistência a feira-livre da folha 28, e em caso de haver alguma política/programa direcionado a feira-livre, identificar a sua efetividade. E ainda identificar a existência/ou não, de projetos de melhoria infraestrutural que porventura o poder público venha direcionar a feira-livre a curto, médio ou a longo prazo.

A pergunta 11 tinha como objetivo averiguar se a feira-livre da folha 28, considerando que os alimentos comercializados são expostos em muitas das vezes em recipientes que podem ser considerados inadequados para a natureza da mercadoria, bem como saber se os feirantes da feira-livre da folha 28 recebem uma orientação ou fazem cursos de capacitação para a manipulação desses alimentos. A 12 pretendia identificar as reivindicações dos feirantes, bem como o que a associação tem feito para amenizar concomitantemente com o poder público municipal. A pergunta 13, última pergunta era uma pergunta pessoal, procurando identificar o que o mesmo acha que precisa ser melhorado na feira, e quais as medidas de sua gestão para sanar as eventuais problemáticas.

O questionário confeccionado para entrevista com o presidente dos feirantes o senhor Abraão Martins de Sousa, é presidente não apenas do sindicato da feira-livre da folha 28. Mas atua também no Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá-PA. O questionário direcionado ao senhor Abraão é composto de 16 perguntas, sendo três a mais que a do senhor Marinho – presidente da Associação, pois tive informações por parte dos

feirantes que o senhor Abraão era quem continha maiores informações da feira-livre da folha 28, pois o mesmo participou e lutou para construção dos boxes na feira-livre da folha 28.

A entrevista com o senhor Abraão foi realizada em sua residência, já havia conversado com o mesmo previamente na feira-livre da folha 28. Primeiramente me identifiquei novamente, e expliquei a relevância de sua entrevista para a construção dessa pesquisa, deixando a seu critério a positiva ou negativa, com o seu consentimento, a entrevista foi realizada, vale ressaltar que o mesmo também autorizou que gravasse o áudio da referida entrevista a partir de um aparelho de celular. Assim sendo, a pergunta 01, 02, 03, 04 foram perguntas iniciais de identificação e para que a entrevista fluísse menos protocolar. A cinco também de cunho pessoal, tinha como objetivo identificar a motivação que o mesmo teve para ser presidente da associação, a 06 tinha como objetivo compreender de que forma surgiu a feira-livre, bem como se sempre naquele espaço.

A pergunta 07 tinha a pretensão de identificar o número total de feirantes e se esse número corresponde ao número de feirantes cadastrados, além de identificar de que forma é feito esse cadastro e ainda se o número de barracas corresponde ao quantitativo de feirantes. O senhor Abraão permitiu que fosse visto o cadastro, que é feita de forma bem simplificada sendo: CPF, RG, comprovante de residência e produto comercializado).

A questão 08 buscava identificar se os feirantes pagam alguma taxa pelo espaço que ocupam dentre outras taxas referentes a feira. A 09 tinha a pretensão de compreender de que forma é feita a definição de preços na feira. A pergunta 10 tinha como objetivo identificar a organização administrativa da feira por parte do sindicato, procurando identificar se a mesma detinha de controle do movimento financeiro da feira, e quem fazia esse cálculo. Do mesmo modo, a pergunta 11 tinha como pretensão de identificar se a disposição do layout da feira seguia um padrão (disposição das barracas e mesmo dos boxes é de acordo com os produtos comercializados), a pergunta 12 pretendia identificar se o poder público municipal dar alguma assistência a feira-livre da folha 28, e em caso de haver alguma política/programa direcionado a feira-livre, identificar a sua efetividade. A pergunta 13 pretendia identificar a existência/ou não - de projetos de melhoria infraestrutural que porventura o poder público venha direcionar a feira-livre a curto, médio e longo prazo.

A pergunta 14 tinha como objetivo averiguar se a feira-livre da folha 28, considerando que os alimentos comercializados são expostos em muitas das vezes em recipientes que podem ser considerados inadequados para a natureza da mercadoria, bem como saber se os feirantes da feira-livre da folha 28 recebem uma orientação ou fazem cursos de capacitação para a manipulação desses alimentos. A 15 pretendia identificar as reivindicações dos

feirantes, bem como o que o sindicato tem feito para amenizar concomitantemente com o poder público municipal. E a última pergunta - 13, era uma pergunta pessoal, procurando identificar o que o mesmo acha que precisa ser melhorado na feira, e o quais as medidas de sua gestão para sanar as eventuais problemáticas.

O questionário confeccionado para a entrevista com a vigilância sanitária é composto de 08 perguntas, a entrevista ocorreu nas dependências da vigilância sanitária e foi realizada com senhor Daniel Soares Silva – Coordenador de Vigilância Sanitária, o mesmo autorizou que a entrevista fosse gravada, assim, a entrevista foi gravada com o auxílio de um aparelho de celular. Convém ressaltar que a entrevista foi agendada uma semana antes por meio de um ofício direcionado a mesma. Assim sendo, antes de realizar a entrevista me apresentei ao senhor Daniel, expliquei o meu tema de pesquisa e o objetivo da entrevista e da relevância da mesma para a construção da pesquisa. Nesse sentido, as perguntas 01, 02 e 03 eram perguntas de cunho apresentativo, para tornar a entrevista mais fluida e quebrar um pouco da seriedade da mesma. A pergunta 04 pretendia identificar a importância da feira-livre de modo geral ao poder público municipal, bem como para a vigilância sanitária e de que forma a mesma vem atuando na feira-livre da folha 28.

A pergunta 05 tinha o objetivo de identificar se a vigilância sanitária vem atuando efetivamente na feira-livre da folha 28 e se tem orientado os feirantes na manipulação dos alimentos e concomitantemente realizado cursos de capacitação por livre iniciativa ou em parceria com outras secretarias/instituições. A 06 pergunta, considerando que os produtos vêm de muito longe, inclusive de outros estados, tinha como objetivo identificar se a vigilância sanitária municipal tem algum controle da qualidade desses produtos. A pergunta 07 última questão tinha como objetivo identificar se os feirantes são receptivos as ações de fiscalização da vigilância sanitária no âmbito da feira.

Também foi confeccionado um questionário direcionado a Superintendência de Desenvolvimento Urbano - SDU da cidade de Marabá, a entrevista foi realizada nas dependências do SDU, sendo agendada três semanas antes por meio de ofício. O senhor Mancipor Oliveira Lopes Superintende de Desenvolvimento Urbano, antes de iniciar a entrevista foi explicado ao senhor Mancipor Oliveira Lopes Assim sendo, antes de realizar a entrevista me apresentei ao senhor Mancipor, expliquei o meu tema de pesquisa e o objetivo da entrevista e da relevância da mesma para a construção da pesquisa. Nesse sentido, a entrevista direcionada ao SDU, foi composta de 07 perguntas, a 01, 02 e 03 eram perguntas de cunho pessoal, objetivando tornar a entrevista menos protocolar e mais fluida. A pergunta 04

pretendia identificar a importância da feira-livre de modo geral ao poder público municipal, bem como para o SDU e, de que forma o mesmo vem atuando na feira-livre da folha 28.

A última pergunta - 05, tinha como desígnio identificar o que tem sido feito para amenizar os problemas existentes na feira-livre da folha 28.

Desse modo, também foi construído um questionário para a realização de uma entrevista com o Departamento municipal de postura, a entrevista foi realizada no âmbito do Departamento de Postura, com o senhor Alfredo Bilhorne Fernandes, sendo agendada uma semana antes. A entrevista foi composta de 05 perguntas, primeiramente, antes de realizar a entrevista me apresentei ao senhor Alfredo, expliquei o meu tema de pesquisa e o objetivo da entrevista e da relevância da mesma para a construção da pesquisa. O questionário foi preenchido de forma manual por preferência do senhor Alfredo. A 01, 02 e a 03 pergunta foi de cunho pessoal, tendo como finalidade tornar a entrevista menos protocolar, a 04 pergunta tinha como fim identificar a competência da Postura na feira-livre da folha 28, bem como a mesma vem atuando.

A quinta pergunta tinha como objetivo verificar se o Departamento de Postura em concomitância com outras secretarias tem algum projeto de melhoria infraestrutural a curto, médio e longo prazo. A última pergunta - 06 tinha como objetivo verificar se o departamento de postura em conjunto com outras secretarias tem orientado os feirantes, não apenas notificando a disposição dos produtos conforme a mercadoria comercializada, (competência da postura), mas também na correta manipulação dos alimentos, e se tem algum programa de capacitação direcionado aos feirantes.

E por último também foi construída duas questões direcionadas ao SEBRAE, tendo em vista averiguar se o mesmo tem alguma iniciativa em parceria com a prefeitura municipal, voltada as feiras-livres de Marabá-PA, com ênfase na feira-livre da folha 28. Nesse sentido, foram construídas duas questões, a primeira com o intuito de averiguar se o SEBRAE dispõe de algum curso/programa de capacitação voltado aos feirantes da feira-livre da folha 28. A segunda questão, tinha como objetivo identificar se existe algum projeto mesmo que ainda não implantado de revitalização dos espaços das feiras-livres, seja em parceria com a prefeitura municipal, ou mesmo com o Ministério das Cidades.

Desse modo, foram necessárias a realização de todas essas entrevistas para a construção desse trabalho. Convém ressaltar que a penúltima entrevista, inicialmente era direcionada a Secretaria de Agricultura do Município, todavia a mesma me direcionou a Sevop, que me encaminhou para o Departamento de Postura.

6.3 - Trabalho de Campo

O trabalho de campo teve como objetivos principais: o conhecimento da feira-livre da folha 28, dos sujeitos que produzem e (re) produzem aquele espaço, a observação da dinâmica da feira-livre e aplicação dos questionários. Posteriormente, foram feitas entrevistas in -loco com algumas secretarias municipais que administram de alguma forma a feira-livre.

Em nosso percurso pela feira-livre da folha 28, fui acompanhada de uma máquina fotográfica, caneta esferográfica transparente, celular para gravação das entrevistas (com o consentimento do entrevistado), uma prancheta para servir como apoio ao bloco de notas e roteiros de entrevistas, aonde em certos momentos, acabava por deixar de lado, para que pudesse sair de meu “pedestal” de pesquisadora, para ser apenas um ser humano falando com o outro, para aprender, sentir os aromas e odores que muitas vezes, quando vamos a determinados lugares, regidos pelo tempo, não conseguimos sentir o aroma característico que cada lugar apresenta.

Para a realização das entrevistas, primeiro foi necessária uma visita preliminar, aonde a pesquisa era explicada, no sentido de solicitar maiores informações referente a feira-livre da folha 28, sendo obtidas através de entrevista ou dados que possam interessar a pesquisa. Posteriormente, retornava a campo (a secretaria) munida de um ofício obtido com a Faculdade de Geografia – FGEO, sendo realizada imediatamente, ou agendada para data e horário seguinte disponível.

A primeira etapa dos trabalhos de campo realizados foi na feira-livre da folha 28, para aplicação das entrevistas com os feirantes, até para conseguir criar “uma ponte de acesso” com os fregueses e frequentadores, primeiro obtive a confiança de ambos, bem como analise a dinâmica e o “estado de humor” e mesmo disponibilidade de temp de ambos, dialogava com os mesmos de modo informal, deixando claro o meu interesse para a realização da entrevista. Em seguida, depois de já ter ganhado uma certa “familiaridade” apliquei os questionários com os feirantes de forma aleatória e conforma disponibilidade de tempo que os mesmo detinha em um espaço de tempo de três semanas, é importante enfatizar que fazer |uma |”ponte de acesso|” com os feirantes, bem como com os frequentadores, me permitiu realizar as entrevistas com o presidente da associação e do sindicato dos feirante, por indicação dos feirantes.

A realização das entrevistas com as secretarias teve como desígnio compreender de que forma o poder público municipal tem assistido o espaço da feira e os feirantes que trabalham na mesma.

6.4 - Laboratório

Esta etapa trata da análise e reflexão dos dados coletados, da transcrição e análise das entrevistas, da redação do trabalho, e produção cartográfica.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 - A Gestão da Feira-livre da folha 28 em Marabá-PA, através da Associação e do Sindicato dos Feirantes.

A Feira Livre na Cidade de Marabá-PA se organiza de forma associativa e sindical, a associação tendo o senhor Marinho Silva como Presidente da Associação dos Feirantes e Ambulantes da Feira Livre da Folha 28 e da Sindical o senhor Abraão. O senhor Marinho (figura 06) é um homem de 59 anos de idade, cuja escolaridade é o ensino médio completo, segundo o mesmo além de presidente a associação também é feirante (segundo o mesmo para ser presidente da associação de feirantes, um dos pressupostos é que o candidato seja ou tenha sido feirante).

Figura 06: Presidente da Associação de Feirantes e Ambulantes da feira-livre da folha 28



Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

De acordo com o senhor Marinho, atualmente, há 90 boxes para 150 feirantes cadastrados, os feirantes pagam mensalmente uma taxa de R\$ 10, 00 reais, segundo o presidente da associação, a taxa de dez reais é para manutenção dos banheiros – aquisição de produtos de limpeza e pagamento de um funcionário de limpeza, além de pequenos serviços, não especificados pelo mesmo.

Questionado acerca dos critérios de distribuição dos feirantes, seu Marinho destacou que organiza os feirantes de acordo com a mercadoria a ser vendida, como por exemplo: um feirante que vende folhagens (alface, couve, cheiro verde, etc.) não pode ficar próximo a um que vende carnes. Inquirido da existência de um mapa da organização da feira, bem como da

distribuição dos feirantes de acordo com a mercadoria vendida, o mesmo relatou a inexistência de tal representação cartográfica.

Em continuidade a arguição; questionei ao senhor Marinho sobre a existência de alguma política/programa direcionado aos feirantes, o mesmo colocou que até o atual momento do ano corrente nada efetivo, ainda segundo o mesmo, há projetos de melhoria infraestrutural, mas sem data estipulada.

Do ponto de vista sanitário, segundo o senhor Marinho há uma orientação no acondicionamento dos alimentos, principalmente as carnes, os laticínios e os hortifrúteis que ficam expostos ao ar livre, principalmente no domingo que é o dia que ocorre efetivamente a Feira, segundo o mesmo a vigilância sanitária fiscaliza com frequência a Feira livre da Folha 28, sobretudo as carnes e os laticínios. Seu Marinho destaca ainda que os feirantes que trabalham com as carnes, o açaí e os laticínios já estão legalizados, cada um dispendo de uma carteirinha de manipulação de manipulação de alimentos.

Em relação as dificuldades e reivindicações apontadas pelos feirantes em se trabalhar na Feira livre da folha 28, bem como o que o mesmo vem fazendo para sanar tais percalços, o mesmo apontou que uma das principais reivindicações por parte dos feirantes é a questão estrutural, os mesmos reivindicam um local adequado e coberto em razão das intempéries como sol e chuva, precipuamente aqueles que não dispõem de boxes, que trabalham em barracas improvisadas. Seu Marinho destaca que vem colocando isso as autoridades competentes junto ao poder público municipal.

Indagado a respeito do que precisa ser melhorado, em seu ponto de vista, o mesmo destacou a necessidade de se ter um agente patrimonial na feira dia e noite, e uma área coberta que comporte os 150 feirantes cadastrados e uma quantidade suficiente de banheiros que atenda os mesmos além dos frequentadores da feira livre da folha 28.

Os feirantes da Feira-livre da 28, possuem também um sindicato cujo o presidente é o senhor Abraão Martins de Sousa (figura 06), um senhor com seus 73 anos e tem apenas o ensino fundamental completo, seu Abraão é presidente do Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá-PA. Segundo o mesmo ainda feirante, porém, vai tão-somente aos domingos vender artesanato.

Figura 07: Presidente do Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá – PA.



Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Quando indagado sobre o que o motivou a ser presidente do sindicato dos feirantes, o mesmo destacou que não foi uma motivação propriamente, mas foi por indicação dos feirantes, pois auxiliava os membros do sindicato na administração da feira, quando era apenas associado. Nesse sentido, seu Abraão foi indicado para seu primeiro mandato ainda na década de 1990, posteriormente após findo o mandato do senhor Paulo Firmino, foi indicado para ser presidente da Feira-livre da 28.

Em continuidade a entrevista, questionei ao senhor Abraão acerca do número total de feirantes cadastrados e, se o número corresponde ao número de barracas e boxes das feira, o mesmo não soube explicar, de acordo com o senhor Abraão, por ter se afastado por seis anos da feira, por ter adquirido “inimizades”, durante o período em que trabalhou intensamente na feira, precipuamente no período de construção e nos primeiros cinco anos de “vida da feira”, voltando apenas no ano de 2016 para a presidência do sindicato dos ambulantes, vendedores, ambulantes e feirantes de Marabá.

Durante a entrevista com o senhor Abraão, o mesmo destacou que para cadastramento dos feirantes, é feito a partir do preenchimento de um pequeno formulário com informações gerais, tais como: CPF, RG, data de nascimento, endereço, produto vendido, quanto tempo vende na feira, se é sócio do sindicato. De acordo com seu Abraão, os feirantes pagavam uma taxa, para ajudar a pagar um funcionário para ajudar alguém na limpeza da feira. Uma taxa que variava de acordo com a banca, a quantidade de coisa para se vender, uma taxa de até R\$ 5, 00 além da taxa da associação ao sindicato que na época era de 5 reais e agora está 10 reais, porém, de acordo com o senhor Abraão todos os feirantes estão inadimplentes com o sindicato, seu Abraão ressalta ainda, que o sindicato está desorganizado e que atualmente em sua gestão começou a reorganizar o sindicato.

Com relação a definição de preços na feira-livre da 28, o sindicato não interfere, segundo o senhor Abraão e o senhor Marinho presidente da Associação dos feirantes, é por

conta do feirante. No que tange ao cálculo financeiro da feira, não existe essa contabilização, perguntando da possibilidade de um mapa de divisão das barracas, o mesmo disse que no momento não há uma definição de como será definido a quantidade de barracas e mesmo o posicionamento de cada uma, de modo que possibilite o tráfego de frequentadores da feira-livre da 28. Questionado sobre a ação do poder público municipal na feira, o mesmo destaca que não há nenhuma política/programa, bem como projetos de melhoria infraestrutural por parte do poder público direcionado a feira-livre da 28.

No que tange à orientação na manipulação e manuseio dos alimentos, seu Abraão colocou que a prefeitura municipal de Marabá tem organizado isso, inclusive quando construiu os boxes, a vigilância sanitária foi até a feira para explicar como é que trabalha com os alimentos, com a questão da saúde, das doenças que são passadas pelas mãos, para que os feirantes pudessem manipular os alimentos de forma mais segurança possível.

O senhor Abraão destacou ainda que, a vigilância sanitária está sempre na feira, porém, o seu foco são os feirantes que trabalham com carnes e peixes, precipuamente, os que trabalham com açougue, no entanto, com relação aos feirantes que trabalham fora dos boxes, não há nenhuma assistência por parte da vigilância sanitária.

Dentre as dificuldades e reivindicações apontadas pelos feirantes, o senhor Abraão destacou que no momento a maior reivindicação é a cobertura da feira, todavia durante a entrevista, se posicionou contra a cobertura da feira, justificando que seria favorecer uns e outros não, pois não seria possível beneficiar a todos. Diante disso, o mesmo ressaltou como alternativa para resolver de forma eficaz tal problemática, a construção de um galpão, assim, segundo o mesmo atenuaria uma das principais dificuldades enfrentadas pelos feirantes que é precária infraestrutura existente na feira, aonde não comporta todos os feirantes, deixando a maioria ao relento, no sol e chuva, sobretudo aos domingos onde o número de Feitas sobressai a vista.

Perguntado sobre o que acha que precisa ser melhorado na feira da 28 e, o quais medidas da sua gestão para tentar atenuar as reivindicações por parte dos feirantes. O mesmo destacou três medidas, a primeira segundo o mesmo, encaminhou ao prefeito um projeto onde solicita a construção de galpão no mesmo bairro - na nova marabá, porém, não no mesmo local, mas no estacionamento entre a Revemar e o Hotel São Bento, no fundo do campo de futebol, De acordo com o senhor Abraão seria um local adequado a feira e daria para fazer pista dos dois lados e o local que compreende a feira atualmente ficaria desafogado, tiraria os feirantes que ficam em barracas improvisadas na rua.

Na entrevista realizada na residência do senhor Abraão, presidente do sindicato dos feirantes realizada em novembro de 2017, o mesmo disserta com veemência uma de suas medidas para a Feira-livre da folha 28:

[...] esse galpão servia pra colocar esse povo que trabalha no meio da rua, pois vem muita gente da roça e aí esse povo fica na chuva, e até o “infeliz que vai comprar, não vai querer ficar na chuva, ne? Então tem que esperar a chuva passar pra ele ir lá. Então a construção desse galpão é pra isso (...) aquele espaço é Pra acomodar o pessoal que fica na rua, inclusive aquele pessoal que fica ali naquele terreno que foi relocado pra lá não vão aguentar por muito tempo, ficar pagando esse pessoal que tá naquela pracinha cheia de feirante com aquela barraca feia, então isso é muito perigoso, esses dias eles colocam as barracas ali naquele meio fio, e ai a gente solicita a construção do galpão ali naquele espaço da feira da 28 atualmente por que ali não cabe, então a gente tá querendo organizar aquilo dali em outro espaço. E aí desafoga aquele espaço. Eu chamei seis vereador para apresentar a proposta da feira pra eles, mas eles não se interessaram, só veio um e dois representante. Esses dois não foram a favor desse projeto, desse local ali, por que é meio de rua, o prefeito quer deixar aquilo ali limpo, mas aí, será que só os empresários pode ter coisa bonita, que só pode ajudar os empresários. Por que ali na 27 tinha uns barracos ali na 27, aí foi o alvorada e fizeram barraco ali, fizeram boxezim de lanche? E ali não era um local adequado e aí eu entreguei essa proposta pra quase todos os vereador pra eles tomarem conhecimento, e se quiseram ajudar, e se a universidade quiser ajudar também ne? [...] - Abraão M. de Sousa presidente do Sindicato Municipal dos Vendedores Ambulantes e Feirantes de Marabá-PA.

A segunda medida que o senhor Abraão vem se propondo a fazer ao longo de sua gestão tem relação aos motos táxis que ficam estacionados em frente a Leolar⁵ e a lanchonete Magalhaes, podemos verificar tais proposições em um trecho da entrevista na integra realizada, realizada em sua residência em novembro de 2017:

“[...] Ali quando é dia de domingo ali na frente da Leolar é muito cheia de moto taxi, se tirasse aqueles moto taxi dali e colocasse naquele buraco ali em frente a universidade ficava bom demais, aterrava aquilo lá, e fazia um estacionamento, dava lugar para os moto taxi e para o povo que vem comprar, além de dar uma vida pra aquele pedaço de feira”.

Nesse trecho da entrevista o senhor Abraão destaca uma medida paliativa para resolver a problemática relacionada a falta de estacionamento na Feira-livre da 28. A terceira medida destacada pelo senhor Abraão, como uma das medidas da sua gestão enquanto presidente do sindicato municipal dos vendedores ambulantes e feirantes de Marabá, será destacado a seguir um trecho da entrevista na integra realizado em sua residência em novembro de 2017, em sua residência, a seguir:

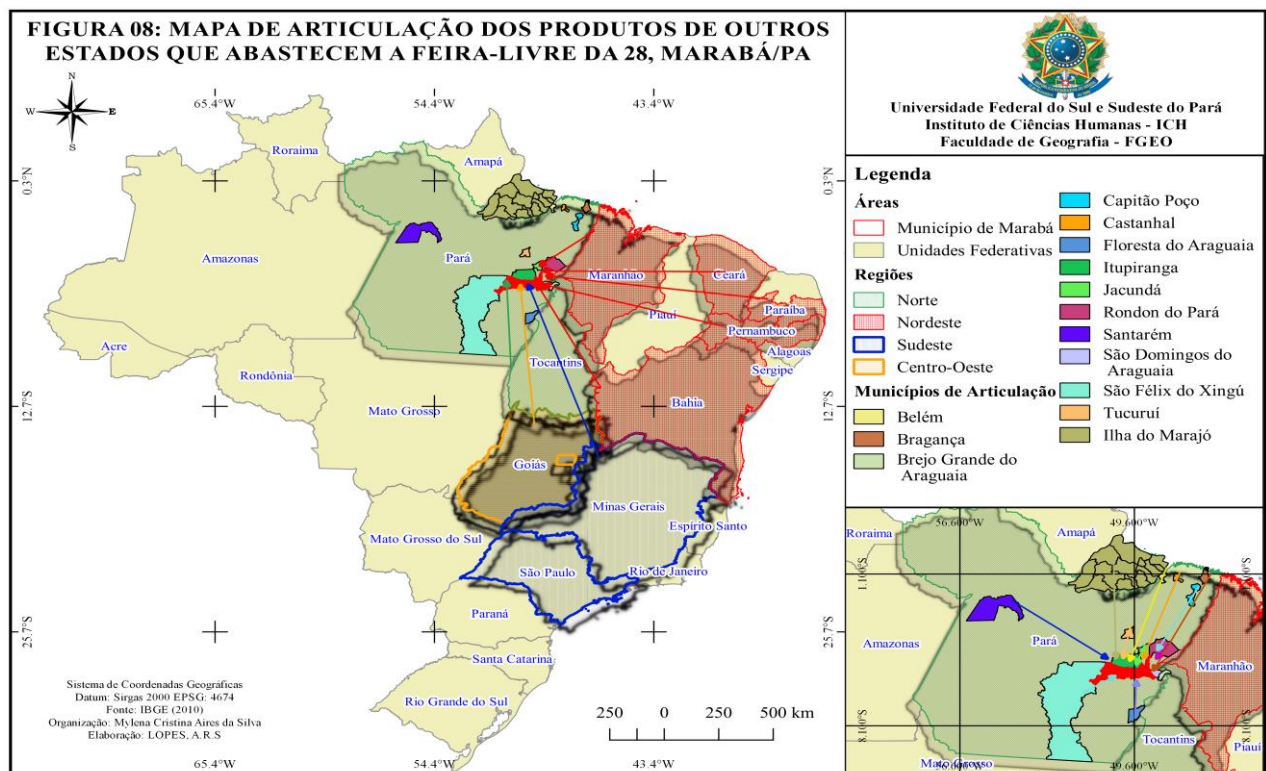
⁵ Loja de móveis e Eletrodomésticos.

“[...] As medida que eu tenho pra cá [...] são muitas e nem eu tenho escrita e nem pensada [...] as medidas da minha gestão, é uma coisa que tinha que ter feito de início, e nem urgente mais, tá passado do ponto ; e hoje tem que fazer [...] é rede de esgoto, de capitação de agua, por que também tem aquela agua do peixe, essa é uma reivindicação que tinha que ser feita de início, eu cobreii isso do vereador que morava ai, mais os vereadores disse que não, a gente precisa de uma rede de esgoto, porque a gente mora na cidade ne, não mora no mato [...], uma outra coisa, tem feirante que é muito seboso, a vigilância sanitária vive ai, a feira, tem os produtos de se vender em feira, bebida alcoólica não é coisa de se vender em feira, assim como barbearia também, tirar barbeiro pra colocar os que vende verdura que fica no meio da rua, tirar daí esse povo”.

Já finalizando a entrevista, o senhor Abraão destaca algumas medidas que aspira realizar durante o seu mandato, dentre elas é a implantação de uma rede de esgoto e capitação de água, e o remanejamento de barbeiros e donos de bar que ocupam os boxes, que segundo o mesmo deveria ser destinado aos feirantes que vendem frutas e verduras.

7.2 - A origem dos produtos que abastecem a feira livre da folha 28

Os produtos que abastecem a Feira-livre da folha 28 provenientes de diversas regiões brasileiras, e envolve um intenso circuito espacial de produção e distribuição, articulando a Feira-livre da folha 28 a outras localidades e até mesmo, outras regiões, sendo: Norte, Nordeste, Centro-oeste e em menor escala na região sudeste do Brasil. Conforme se pode observar na figura 08.



As frutas como a melancia, o tomate, abacaxi, manga, mamão, uva, melão, morango, tangerina, laranja, limão, maçã, maracujá e banana, provem desde de assentamentos locais, a cidades localizadas no Tocantins, da Bahia, Ceara, Goiás, Maranhão, São Paulo, Capitão-Poço-PA, Minas Gerais, e mais próximo em Floresta do Araguaia-PA.

Do mesmo modo, verduras e folhagens e temperos, a cebola, o pimentão, a batata, tucupi, pepino, quiabo, banana, abacate e hortaliças sendo (alfaces, jambu, cheiro, couve, maxixe), estes em sua maioria de assentamentos locais, tais como: Ponta de Pedra, 1º de março, Pinheiro, Cabaceira e Serra Pelada. Aqueles procedem principalmente da Bahia, Anápolis em Goiás, Petrolina no Pernambuco, Maranhão, e Castanhal e São Domingos do Araguaia e Marabá no Estado do Pará.

Os peixes que abastecem a Feira-livre da folha 28 em Marabá-PA provenientes em sua maioria do Estado do Pará; precipuamente dos municípios de Santarém, Tucuruí, São Felix do Xingu, da capital – Belém e Marabá em menor escala. Os estados do Maranhão e Tocantins também participam dessa teia.

Os queijos, óleos medicinais e ervas medicinais, sabões caseiros, molhos de pimenta, rapaduras, vassouras artesanais, as farinhas e os feijões. Procedem principalmente de localidades próximas como Marabá-PA, Rondon do Pará-PA, Bragança-PA e de outras localidades como; Maranhão, Ceara, Paraíba, Bahia e Goiás.

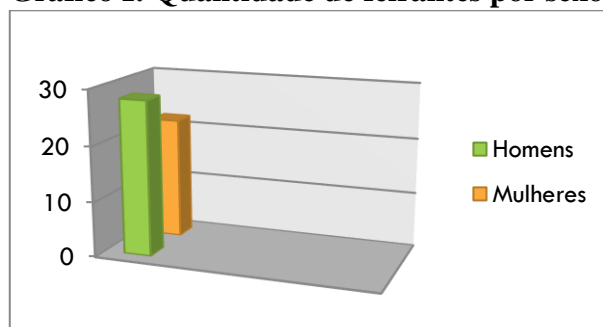
As peças para fogões, panelas, panelas de pressão, e pequenas utilidades domesticas, acessórios para celulares e bijuterias e brinquedos veem principalmente de São Paulo-SP. Já as confecções de roupas femininas, masculinas e infantis provem principalmente da Paraíba, de Imperatriz no Maranhão, Fortaleza – Ceara. As redes, cobertores, carteiras e cintos, são da Paraíba.

O açaí e as polpas de frutas, procedem precipuamente do Estado do Pará, sobretudo de Marabá e suas vicinais mais próximas como Rio Preto, Cajazeiras, e do município de Itupiranga, São Domingos do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia e São Geraldo do Araguaia. O camarão vem de Marajó, Santarém e Belém – Pará e do Maranhão. As ervas medicinais, e especiarias. E as carnes que abastecem os açougues presentes na Feira-livre da folha 28 procedem em grande parte de Marabá-PA, do Frigorifico Municipal - Frigonorte, de cabeças de gado provenientes de Rio Preto, Cajazeiras, Santa Fé, Vila Capistrano de Abreu e do município de Jacundá, Itupiranga e Belém.

7.3 - O perfil dos feirantes na feira livre da folha 28.

Os feirantes da Feira-livre da folha 28, são sujeitos com distintas trajetórias de vida, entrevistá-los foi uma das etapas mais desafiadoras na construção desta pesquisa, pois para o andamento da pesquisa de campo, dependia da boa vontade e disponibilidade de tempo dos mesmos. Assim, partindo de uma escolha metodológica, foram entrevistados cinquenta feirantes, sendo vinte e oito homens e vinte e duas mulheres, conforme se observa na (gráfico 01)

Gráfico I: Quantidade de feirantes por sexo

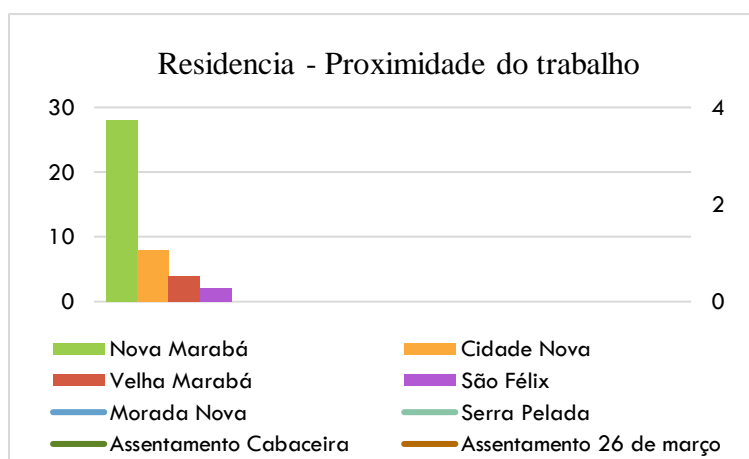


Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Durante a pesquisa foi identificado, que dos cinquenta feirantes entrevistados, vinte e oito residem no núcleo Nova Marabá, oito na Cidade Nova, quatro na Velha Marabá, dois no núcleo São Felix e Morada Nova, e em outras localidades, sendo; três no assentamento

Cabaceira, dois no assentamento vinte e seis de março, e um na Serra Pelada. Dessa maneira, cumpre-nos ressaltar, que os feirantes enfrentam muitos desafios em seu dia-a-dia, e o primeiro deles é chegar em seu local de trabalho, tendo em vista a distância do deslocamento entre sua residência e o seu local de trabalho, conforme se destaca na (figura 02).

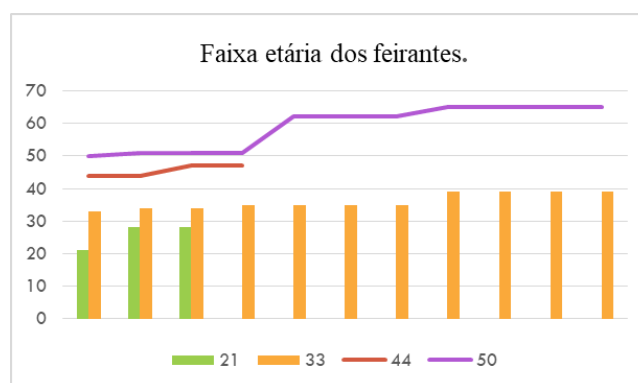
Gráfico II: Núcleos de residências dos feirantes entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Em continuação, a faixa etária dos feirantes entrevistados, conforme se observa no gráfico abaixo (gráfico 03), fica em torno de vinte e um anos, trinta e três anos, quarenta e quatro e cinquenta anos, vale ressaltar que, dos feirantes entrevistados, a idade mínima apresentada foi de dezessete anos, e a máxima foi setenta e cinco anos. Nesse sentido, dos feirantes entrevistados, pode-se concluir que a maioria eram adultos e escolheram a Feira-livre da folha vinte e oito, como sua atividade profissional e meio de sobrevivência.

Gráfico III: Faixa Etária dos Feirantes Entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Da escolaridade dos feirantes entrevistados, majoritariamente não concluíram o ensino fundamental, conforme se observa no (quadro 03), dos cinquenta feirantes entrevistados, sete não estudaram (analfabetos), dezessete não concluíram o ensino fundamental (1ª a 4ª série – 5º a 6º série), oito concluíram o ensino fundamental (7ª a 8ª série), três não concluíram o ensino médio (1ª e 2ª ano) e treze concluíram o ensino médio e somente dois dos feirantes entrevistados têm Ensino Superior, um ainda incompleto e o outro completo, conforme se observa na tabela abaixo.

Quadro III: Escolaridades dos feirantes entrevistados.

<i>Analfabeto</i>	7
<i>Ensino Fundamental incompleto.</i>	17
<i>Ensino Fundamental completo</i>	8
<i>Ensino Médio incompleto</i>	3
<i>Ensino Médio completo</i>	13
<i>Ensino Superior</i>	2
<i>Total:</i>	50

Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Os feirantes da Feira-livre da folha 28 em Marabá-PA, têm diferentes motivações e profissões, porém em um determinado momento de suas trajetórias escolheram, ou foram “escolhidos”, para realizarem suas atividades profissionais. Nesse sentido, entre os feirantes da Feira-livre da folha 28 em Marabá-PA, podemos encontrar variadas profissões, tais como: motorista, empregada doméstica, cozinheira, lavrador, pescador, pedreiro, aposentados, vaqueiro, eletricitista, vigilante, uma pedagoga e um estudante de administração.

No entanto, dos cinquenta feirantes entrevistados, trinta e sete responderam que vivem unicamente da feira, e apenas treze responderam que têm outras fontes de renda. Diante disso, podemos concluir que dos feirantes entrevistados, apesar de alguns terem uma outra profissão, muitos preferem trabalhar na feira, segundo alguns, por que ganham mais na feira do que exercendo sua profissão, outros ressaltam que estão na feira por estarem desempregados. Nesse sentido, todos os feirantes entrevistados, elegeram a feira como seu meio de sua sobrevivência, ainda que como temporário.

O tempo de atuação de atuação dos feirantes entrevistados conforme se observa no (quadro 04), é bem variável, durante a entrevista de campo foi identificado que alguns feirantes que trabalham na feira-livre da folha 28, trabalhavam antes no núcleo Marabá Pioneira, porém, com a enchente de 1980, muitos se viram obrigados a deixar a Marabá Pioneira e se deslocar para outros bairros, principalmente a nova Marabá. Dessa forma, o menor espaço de tempo trabalhado na feira livre com os feirantes entrevistados foi de duas semanas e seis meses, e de um a dois anos, de quatro a cinco anos, de seis a sete anos, e de dez a quinze anos; o máximo de tempo de trabalho dos feirantes entrevistados na feira-livre da folha 28 foi de trinta e três anos.

Quadro IV: Tempo de atuação dos feirantes entrevistados.

Tempo de atuação dos Feirantes entrevistados na feira-livre da folha 28 em Marabá - PA.	Frequência
Menos de 1 ano de atuação na Feira-livre da folha 28	5
De 1 a 2 anos	5
De 4 a 5 anos	4
De 6 a 7 anos	2
De 8 a 10 anos	15
De 12 a 15 anos	15
De 25 a 27 anos	1
+ de 30 anos	7
Total:	50

Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Em continuação, dos cinquenta feirantes entrevistados quarenta e um, não produzem a mercadoria a ser vendida, os mesmos, compram de atravessadores, alguns inclusive de outros estados, apenas nove dos feirantes entrevistados produzem a mercadoria que comercializam. Dentre a mercadoria produzida pelos feirantes, se destaca as polpas regionais (açai, acerola, cupuaçu, manga, bacaba, goiaba e cajá), vale ressaltar que as polpas mencionadas são as que mais são apreciadas pelos frequentadores da feira-livre da folha 28 em Marabá. Se destaca também na preferência dos feirantes, as hortaliças, os molhos de pimenta e tucupi, sabão caseiro, os queijos e a banana.

Da mesma forma, dos feirantes entrevistados, trinta e oito responderam que têm fregueses fixos, apenas doze, afirmaram que não dispõem de fregueses fixos. A partir dos dados analisados, podemos ressaltar ainda que, dos feirantes que afirmaram que dispõem de clientes fixos, muito se deve a relação de amizade e confiança que seus clientes têm na qualidade do produto e no atendimento do feirante.

Em continuidade, os feirantes entrevistados, foram indagados acerca das relações de trabalho, vale ressaltar que, dos cinquenta feirantes entrevistados, trinta e quatro destacaram que possui ajudante, destes, 20,9% destacaram que seus ajudantes são familiares, onze destacaram que não possuem ajudantes de quaisquer naturezas.

Em relação ao horário que os feirantes chegam a feira, dos cinquenta entrevistados, cerca de 35% chegam entre as cinco, seis e sete da manhã, 8% chegam a feira as oito da manhã e 7% chegam a feira antes das cinco da manhã. Os feirantes entrevistados encerram o expediente, em média ao meio dia, as treze e as quatorze horas, os que saem mais tarde, são os feirantes que comercializam peixes e carnes e algumas frutas.

Um outro dado interessante em relação aos feirantes entrevistados é que, além de trabalharem na feira, os mesmos também compram seus alimentos diários na feira, e apenas cinco, dos cinquenta feirantes não consomem na feira diariamente. Quando indagados se frequentam outras feiras, ou mesmo comercializam em outras feiras, apenas 9% responderam que frequentam ou comercializam em outra feira.

Desta feita, continuando a indagação, quando perguntados, sobre o relacionamento com os outros feirantes, dos cinquenta entrevistados, apenas dez, responderam que não têm um bom relacionamento, ou não muito, muito bom. Isto é, podemos inferir que a própria convivência e o caráter do negócio, aonde ambos acabam se auto ajudando, como por exemplo, durante a pesquisa de campo, em várias situações, quando algum colega feirante precisasse sair de forma abrupta, o colega ao lado, “olha” a barraca do colega, ou quando o

feirante não tem determinada mercadoria, indica uma barraca ou boxe que porventura possa ter a mercadoria desejada pelo cliente, como diz dona Raimunda, “ *aqui somos, irmãos, uma família unida, todo mundo se ajuda*” feirante da feira-livre da folha 28, durante a pesquisa de campo realizada em outubro de 2017.

No que tange a atuação do poder público municipal no âmbito da feira-livre da folha 28, quando perguntados se o poder público municipal tem alguma política/programa voltado aos feirantes/feira, dos cinquenta feirantes entrevistados, trinta e nove disseram que não há nenhuma política ou programa de capacitação ou de caráter similar; seis falaram que não sabem, ou desconhecem e apenas cinco disseram que sim, que há um curso de manipulação de alimentos, realizado anualmente.

Do mesmo modo, quando questionados se há uma associação ou sindicato, e se são filiados a ambos, dos cinquenta feirantes entrevistados, trinta afirmaram que há uma associação e são filiados, sete responderam que há um sindicato, porém não estão filiados ao sindicato, justificando que o sindicato não está atuando na feira-livre da folha 28. Seis responderam que há uma associação, no entanto não são filiados, os mesmos destacaram que não são filiados em razão de não haver uma boa gestão, ou que não têm interesse em se filiar. Do mesmo modo, sete feirantes quando questionados se há uma associação ou sindicato, não souberam responder; os feirantes pagam uma taxa no valor de R\$ 20,00 reais mensais, de acordo com os mesmos e o presidente da associação, tal taxa é referente a manutenção da feira – para pagamento de uma funcionária para limpar os banheiros e na compra de materiais de limpeza e por ocuparem um espaço da feira.

Em relação as dificuldades e as vantagens apontadas em se trabalhar na feira-livre da folha 28, no (quadro 05), destaca-se apontamentos dos feirantes em relação as dificuldades enfrentadas, bem como as vantagens que há em se trabalhar na feira-livre da folha 28 em Marabá-PA.

Quadro V: Comparativo das dificuldades e vantagens em se trabalhar na feira-livre da folha 28.

Dificuldades	Vantagens
No domingo, o aumento dos ambulantes ilegais	Ter o trabalho, a renda
A falta de um espaço adequado	Nenhuma
A falta de organização por parte da administração da feira	O pão de cada dia
Nenhuma	Complemento a renda, e as amizades que são desenvolvidas na feira

A montagem das barracas	A “nutrição” trabalhar na feira, nos permite ter uma boa alimentação
A falta de cliente;	Meio de sobreviver
A dificuldade em chegar	A renda, “estamos escapando daqui”
A falta de diarista	Nenhuma, não vende bem
Limpeza, a falta de saneamento básico	Sem vantagens “a necessidade de ter que trabalhar
A falta de água	É melhor para vender
Os produtos veem tudo de fora, o que encarece o produto	Os clientes
Desorganização, infraestrutura precária	Tem de tudo, a centralidade
Não ter ponto fixo e a falta de água	“o povo gosta de ir a feira”
A falta de água e um lugar inadequado	Puder vender uma mercadoria fresca
Infraestrutura inadequada 2	“ter dinheiro toda hora”
A vigilância sanitária	A movimentação de pessoas
Em vender, principalmente nos dias de promoção dos supermercados.	A variedade de produtos e grande circulação de pessoas
Falta de saneamento e um trânsito intenso	“com toda derrota, o que ta salvando lá em casa é a feira”
A desorganização e a falta de cobertura	“Você faz o seu horário”
Não há fiscalização	Não paga imposto e ter o espaço
Falta de chuveiros	“eu pago minhas contas”
É ter que vim!	

Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Nesse sentido, conforme podemos analisar o quadro a cima (000), dentre os questionamentos, insatisfações, ou mesmo o conformismo (nas dificuldades e vantagens), nos desabafos e até mesmo denúncias. Há também as manifestações de amizade tecidas no cotidiano e na identificação com o espaço vivido.

Finalizando a entrevista, foi perguntado aos feirantes quais as sugestões eles teriam para o melhoramento da feira, a seguir um (quadro 06) demonstrativo das aspirações dos feirantes entrevistados em relação a feira-livre da folha 28.

Quadro VI: Sugestões dos feirantes para o melhoramento da feira-livre da folha 28.

Acabar com os ambulantes	Ter mais banheiros
Pra mim ta bom, ta gerando o dinheiro	Saneamento básico
Um local adequado	Segurança
Cobrir a feira	Nenhuma
Não faltar agua	Fazer outra feira
Feira é desse jeito aqui mesmo, tabom!	Não tem melhora, então é melhor deixar do jeito que está mesmo Aumentar o emprego na cidade, assim a gente vaio ter mais cliente
Infraestrutura adequada	Tudo está bom!
Não sei responder	Ter um ponto fixo e produtos mais baratos pra gente vender com um perco justo
Isolar a rua da feira e fazer boxes para todos, ter mais higiene e organização por parte dos feirantes	Estacionamento e melhor iluminação

Fonte: Dados da pesquisa de Campo, realizada em 2017.

Com base no **(quadro 06)** a cima, aonde podemos analisar as sugestões dos feirantes para o melhoramento, identificamos que, de todas as os apontamentos listados, o que prevalece nas falas dos feirantes entrevistados é a questão infraestrutural da feira, que na percepção dos mesmos, encontra-se inadequada. Outra sugestão elencada é a questão da segurança e do saneamento básico e de organização do trafego de veículos, ou mesmo isolar a rua que perpassa a feira livre da folha 28.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa de campo ocorreu um “quase acidente” aonde um caminhão trafegando na rotatória da feira passou de raspão sobre uma barraca derrubando-a, havendo um cliente ou se o feirante estivesse próximo a barraca, poderia ter ocorrido um acidente. Do mesmo modo, os feirantes entrevistados apontam também que, em detrimento da rua que perpassa a feira ser estreita e haver muitos carros estacionados, isso faz com que muitos clientes desistam de ir à feira, tendo em vista a dificuldade que há, tanto para veículos como para pedestres em trafega nos espaços da feira.

Outro apontamento é a problemática dos ambulantes que trabalham na feira de forma “ilegal”, tendo em vista que os mesmos não pagam o espaço que ocupam ou quaisquer taxar relacionada a feira e usufruem do espaço. Nesse sentido, os feirantes que pagam para ocupar um espaço na feira, de acordo com os mesmos, se sentem lesados tendo em vista que os que não pagam usufruem das mesmas prerrogativas que eles e ainda “roubam” os seus clientes.

Em relação aos produtos que abastecem a feira, ser majoritariamente de outros municípios ou mesmo estados, convêm frisar na integra a sugestão de uma feirante que

trabalha na feira livre da folha 28 há 30 anos “*se o poder público municipal desse o mínimo de incentivo, as coisas melhoravam, se desse um carro para buscar os produto da roça, pelo menos uma vez na semana e, uma vez na semana fechasse os supermercados, a feira melhorava*”. (dona Raimunda, feirante e agricultora, produz hortaliças no âmbito de sua residência, pesquisa realizada em 2017).

Nesta perspectiva, dialogando com (Souza, 2015) os trabalhadores e trabalhadoras urbanos, engendrados nos universos das feiras-livres, constroem e reconstroem, cotidianamente, saberes ao longo de suas trajetórias de trabalho e histórias de vida, que devem ser valorizadas em detrimento de que, para além da simples comercialização das mercadorias, os feirantes criam e recriam saberes, a partir de suas estratégias de sobrevivência material e simbólica que podem ser observadas em suas falas, tais como: “*a feira é tudo é o meu sustento*”, “*eu gosto muito daqui [feira], dos meus clientes. Meus clientes são meu patrimônio*”, “*ela é quem sustenta a casa, então ela é fundamental*”.

Figura 09: Dona Raimunda, em mais um dia de feira.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2017.

Figura 10: Domingo é dia de ser feirante e fazer a feira!



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2017.

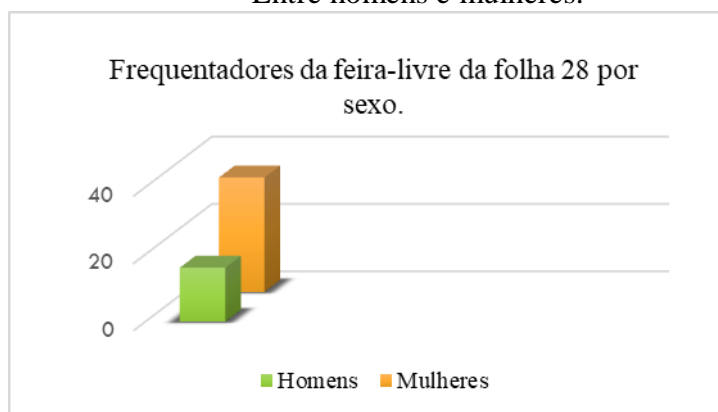
Com efeito, as suas *artes de fazer* (Certeau, 1998) podem ser observadas em seus gestões diários, nas performances e jocosidades das práticas cotidianas tecidas nos espaços da feira como por exemplo as técnicas de “*cativar seus fregueses*” a saber: “*diga meu rei*” *diga minha rainha, minha flor, minha princesa, meu príncipe*”, ou mesmo na conversa informal e animada que tem com seus fregueses, justificando o preço com o “*eu vou fazer para você*” ou nas dicas de como preparar os alimentos, nas trocas de receitas e até mesmo na técnica de corte do alimento a partir da receita a ser preparada”.

Nesse sentido, a feira-livre da folha 28 na vida desses sujeitos se circunscreve muito além do labor necessário a vida de homens e mulheres em idade produtiva, mas como uma extensão de suas vidas, seus espaços vividos, suas amizades e a afetividade que tem por suas barracas improvisadas.

7.4 - O perfil dos fregueses que frequentam a feira-livre da folha 28.

Os fregueses que frequentam a feira-livre da folha 28 são sujeitos com distintas trajetórias e afinidades para com a feira-livre da folha 28, há aqueles que só vão ocasionalmente, os que vão todos os dias, aqueles que compram somente a partir do preço, os que compram pelo atendimento recebido, ou da amizade para com o feirante. Dos frequentadores da feira-livre da folha 28, dos cinquenta fregueses entrevistados, trinta e quatro são mulheres e apenas dezesseis são homens, conforme demonstra o (gráfico 04).

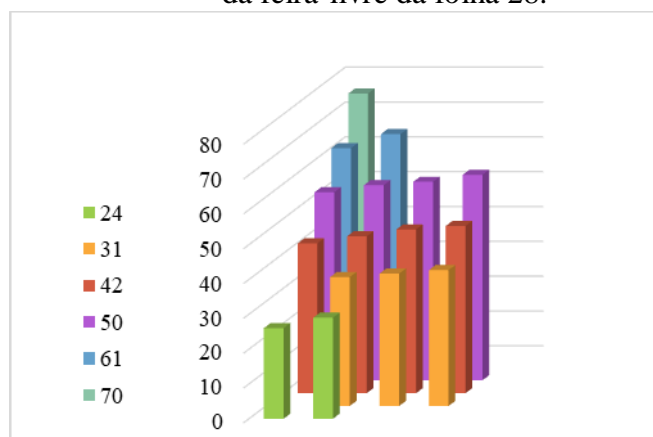
Gráfico IV: Frequentadores da feira-livre da folha percentual
Entre homens e mulheres.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2017.

A idade dos frequentadores que da feira-livre da folha 28, que foram entrevistados durante a pesquisa de campo oscila entre vinte e quatro, trinta e um, quarenta e dois, cinquenta, sessenta e um, e setenta, conforme se observa na (grafico 05). A menor idade identificada dentre os frequentadores da feira-livre da folha 28 é de vinte e um ano, e a máxima de 80 anos.

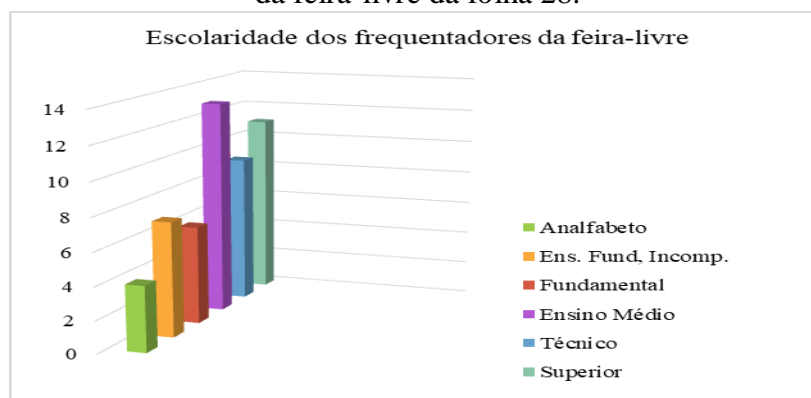
Gráfico V: Percentual de idade dos frequentadores
da feira-livre da folha 28.



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Em relação a escolaridade dos frequentadores da feira-livre, conforme se observa no (gráfico 06), foi identificado que dos cinquenta entrevistados, quatro são analfabetos, sete não concluíram o ensino fundamental, seis têm o ensino fundamental, treze completaram o ensino médio, nove fizeram um curso nível técnico e onze têm Ensino superior. Também foi identificado quatro fregueses que possuem doutorado, o mais alto grau de escolaridade.

Gráfico VI: Escolaridade dos frequentadores da feira-livre da folha 28.



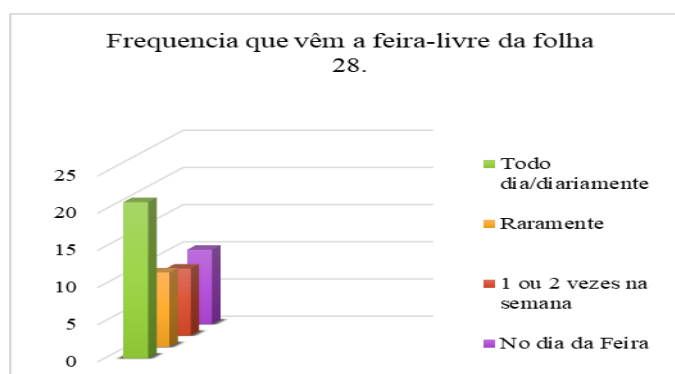
Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Na mesma Perspectiva no que tange profissão, dos frequentadores da feira-livre que foram entrevistados, foi identificado distintas profissões, tais como: técnico em enfermagem, autônomo, pedagogo, professores de áreas afins, administradores, designe, cabelereira, manicure, comerciante, montador de moveis, balconista, moto taxi, cuidadora de idosos, lavradores, motorista, mecânico industrial, pecuarista, fiscal de limpeza, representante comercial, técnico em eletrônica e contabilidade, contador, advogado, vendedor e dona de casa.

É importante ressaltar que, das profissões citadas anteriormente, há as que não se enquadram como uma profissão formal, ou conste nos registros de profissões, todavia, foi o que os frequentadores que foram entrevistados responderam.

Continuando, quando indagados se vêm sempre a feira-livre, conforme pode se observar na (gráfico 07) abaixo, dos cinquenta entrevistados vinte e um responderam que vem todo dia ou diariamente, dez entrevistados responderam que vêm raramente a feira, nove frequentam a feira pelo menos uma vez por semana e dez veem apenas no domingo que é o dia da feira.

Gráfico VII: Frequência que os fregueses da Feira-livre da folha 28 vêm a feira.



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Da mesma forma, quando perguntados o porquê de escolherem a feira-livre da folha 28, como seu local de compras, mesmo a priori não ser um espaço cômodo, confortável, levando-se em consideração que há tantas outras opções de compras de gêneros alimentícios, remédios medicinais e utilidades domésticas, no (quadro 07) segue os porquês expostos pelos frequentadores da feira-livre da folha 28.

Quadro VII: As motivações dos frequentadores, ao escolherem a feira-livre da folha 28 para fazerem suas compras.

Por que escolheu a feira-livre da folha 28?	A centralidade e a variedade de produtos.
	A qualidade e variedade dos produtos, também gosto muito daqui, aqui é como se fosse uma praça, todo mundo se encontra.
	Pela qualidade dos produtos
	Pela proximidade
	Gosto de andar por aqui, de comprar aqui, os produtos são melhores
	Vim vender meu excedente e comprar alguns produtos que não produzo
	Os peixes da feira são melhores
	Pela qualidade dos produtos e por ser produzidos por agricultores e ter menos agrotóxicos, principalmente aos domingos
	Pelo atendimento
	E próximo de minha residência
	Pela amizade que tenho com alguns feirantes
	A qualidade, a centralidade e o fiado
	Trabalho próximo
	As coisas são mais baratas e o atendimento também é melhor
Tem mais opção	

Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Dentre as distintas motivações apontadas pelos frequentadores da feira-livre da folha 28, destaca-se aqueles que: frequentam a feira-livre da folha 28 em detrimento da qualidade dos produtos, pela proximidade seja de sua residência ou trabalho. Seguida da afetividade, ou por considerarem mais saudáveis pois a *priori* têm menos agrotóxicos, há aqueles que vem pelo atendimento, pela amizade, centralidade, mais variedade de produtos ou mesmo por considerarem os produtos mais baratos.

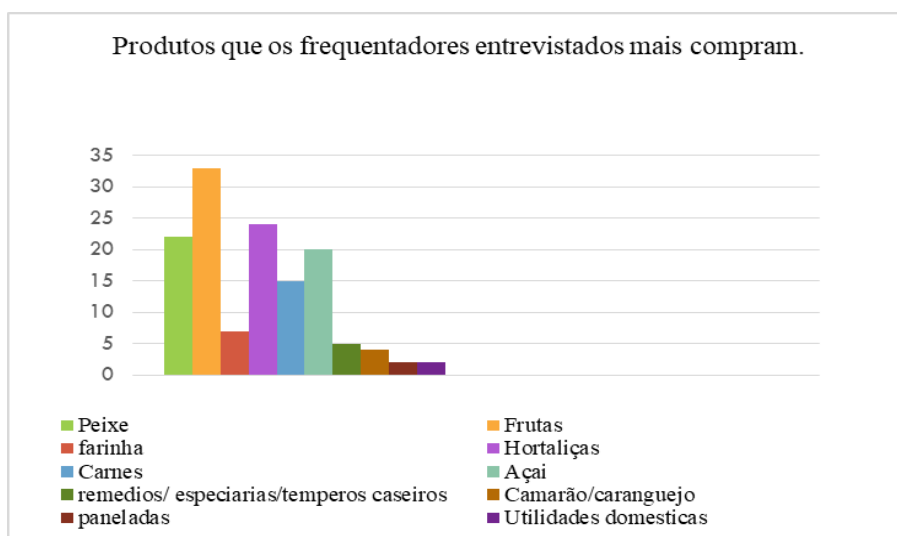
Figura 11: “Na feira, todo mundo se conhece”!



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Dentre os produtos que os frequentadores que foram entrevistados mais costumam compra na feira-livre da folha 28 conforma pode se observar na (gráfico 08); os que mais se destacam na preferência dos frequentadores entrevistados é a frutas as hortaliças, seguido das carnes, da farinha, do açaí, e de remédios e especiarias medicinais. Quando indagados se costumam comprar esses produtos na fera-livre da folha 28, vinte responderam que sim, porém, dezessete destacaram que depende da qualidade do produto, sete depende não só da qualidade do produto, mas também do atendimento recebido, e seis responderam que não costumam comprar sempre esses produtos.

Gráfico VIII: Produtos que os frequentadores compram mais na feira-livre da folha 28.



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Na mesma perspectiva, quando indagados a respeito da importância da feira-livre da folha 28 para o desenvolvimento local, conforme pode se avaliar no (quadro 08), as respostas são variadas e distintas, os frequentadores destacam a importância da feira-livre desde a variedade e qualidade dos produtos expostos na feira, por ser uma fonte de renda conforme destaca a seguinte fala “ *muita gente dependi disso aqui, a feira é isso ai, uns busca e outros traz*”, resposta de um freguês da feira-livre da folha 28, durante o trabalho de campo realizado em 2017.

Há também os que destacam que é importante sim para o desenvolvimento da local, por ser uma alternativa de abastecimento e fonte de renda para muitos feirantes, mas enfatizam que é preciso melhorar não só a infraestrutura, mas a organização por parte do poder público municipal, da administração da feira e dos próprios feirantes, bem como da limpeza e higiene de ambos no âmbito da feira.

Quadro VIII: A feira-livre como um importante meio de desenvolvimento Local de acordo com os frequentadores entrevistados.

Você considera a feira-livre da folha 28, importante para o desenvolvimento local?	Sim, é uma opção que temos para comprar produtos frescos
	Sim, mas precisa melhorar, ta tudo muito caro
	Sim, pela variedade dos produtos, e por ser uma fonte de renda para muitos feirantes
	Sim, pela variedade dos produtos e por vim direto do produtor, todo mundo sai ganhando!
	Sim, mas precisa de uma revitalização, um local mais adequado e limpo
	Sim, pela proximidade, centralidade e qualidade dos produtos
	Sim, aqui circula muita gente
	Sim, os feirantes tiram seu sustento daqui
	Sim, é aonde gera emprego e desenvolvimento para a cidade
	Sim, mas é preciso uma maior organização por parte dos feirantes e da administração municipal e mais limpeza
	Sim, precisa melhorar o espaço
	Não nesse local, é necessário alocar a feira para outro local mais adequado, limpo e com estacionamento
	Sim, mas é preciso que incentive os agricultores a produzirem mais, a maioria dos produtos vem de fora, o que deixa os produtos mais caros
	Sim, é uma alternativa, uma questão de qualidade de vida
	Sim, é uma boa feira sim, mas precisa melhorar, se fosse mais organizada atrairia um público maior
Sim, a variedade de produtos, “muita gente depende disso daqui” “a feira é isso aí, uns busca e outros traz”	

	Sim, aqui o atendimento é melhor além da qualidade dos produtos
	Sim, acostumei comprar aqui, sentiria muita falta se fechasse isso daqui...

Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Finalizando, na última pergunta direcionada aos frequentadores da feira-livre da folha 28, quando perguntados se já têm os seus feirantes/bancas certos para fazer suas compras, conforme se destaca no (quadro – 09), dentre as respostas dos frequentadores destaca-se que os mesmos costumam comprar não só pela qualidade dos produtos, mas também pelo preço, pelo atendimento recebido, além da amizade construída entre feirantes e fregueses.

Quadro IX: Da motivação em comprar na feira-livre da folha 28, segundo os frequentadores entrevistados.

Você já tem os feirantes/bancas certos para fazer suas compras?	Não, de acordo com o preço
	Sim, pelo atendimento
	Sim, o atendimento aqui é vip
	Sim, pelo atendimento e também pela qualidade dos produtos
	Depende do preço, mais sempre gosto mais de alguns de ir com alguns feirantes
	Não, de acordo com a disponibilidade do produto
	Não, compro de acordo com o atendimento que recebo
	Sim, compro aqui pela amizade que tenho com alguns feirantes
	Sim, sempre tem aquele feirante predileto
	Não, de acordo com melhor preço

Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Diante do exposto, durante as observações de campo na feira-livre da folha 28, identificamos distintos sujeitos que frequentam a feira-livre da folha 28, tais sujeitos com distintos poderes aquisitivos e motivações para ir à feira-livre da folha 28; alguns vão a feira apenas para comprar seus mantimentos, outros para passear, flertar, encontrar parentes e amigos, desta forma, a feira-livre da folha 28 se constitui enquanto um espaço de vivências diárias, um espaço que é produto e obra dos agentes sociais (Lefebvre, 2001), um espaço em constante metamorfose (Santos, 2008). Tal proposição é exemplificada na fala do senhor Santana “muita gente depende disso daqui” “a feira é isso aí, uns busca e outros traz”

Figura 12: “É domingo, dia de feira”!



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2017.

Deste modo, o “ir à feira” vai muito além de comprar mantimentos, tendo em vista que a feira-livre da folha 28, é um local de encontros, de trocas de saberes, experiências de vida trocadas entre feirantes e seus fregueses, aonde durante “minhas andanças pela feira”, presenciei fatos inusitados, gracejos e jocosidades entre feirantes e seus fregueses, em suas vivências e trocas de saberes, conversas sobre assuntos variados, desde política, economia, times de futebol, novelas e fatos do cotidiano, desta forma a feira-livre da folha 28, constituiu-se como um *espaço pratica*⁶ (DE CERTEAU, 1998). Em suas *artes de fazer*¹⁷ (DE CERTEAU, 1998) engendradas em suas técnicas de vendas e de “cativar” seus clientes, como por exemplo, em suas falas “carinhosas para com seus fregueses”, - “*diga meu rei, minha rainha, minha princesa, meu príncipe*”, “*eu vou fazer pra você*”.

Uma outra dimensão dessa relação entre feirante-cliente-freguês, é o fato de na feira-livre, o cliente-freguês, tem a possibilidade de apalpar, sentir o cheiro ou mesmo provar a mercadoria antes de finalizar a compra, e ainda recebe sugestões de receitas adequadas, como por exemplo, na compra de alguns peixes, o peixe já é cortado conforme a receita que o cliente irá preparar. Nesse sentido, os fregueses buscam na feira o atendimento informal, tendo em vista que nos locais formais de compras a possibilidade do “toque” da “conversa informal calorosa” é inexistente, pois neste o “envolvimento” é o mais interpessoal possível.

⁶ O espaço é um lugar praticado. A rua geometricamente é definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (DE CERTEAU, 1998 p. 202). O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram [...] produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam o temporalizam. (DE CERTEAU, 1998 p. 202).

7.5 - A dinâmica do circuito inferior da economia urbana presente na feira-livre da folha 28 no município de Marabá-PA e sua relação com os Circuitos a “margem” da economia urbana local.

Na feira-livre da folha 28 em Marabá-PA, pode se afirmar que, encontramos majoritariamente elementos do circuito inferior da economia urbana, tendo em vista que o próprio espaço se circunscreve como um espaço anacrônico, precário, a reutilização de objetos e utensílios, o baixo nível de organização, a tecnologia e capital investido no negócio é quase que nula, o lucro é quase irrelevante, tendo em vista que o foco não é a acumulação, mas a sobrevivência. Outro ponto importante é a geração de emprego, ainda que prevaleça na informalidade, figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18.

Figuras 13, 14, 15 e 16: Uma das “marcas” das feiras-livres é a precariedade infraestrutural e a reutilização dos diferentes objetos e utensílios.



Fonte: Dados da pesquisa de campo de campo realizada em 2017.

Figuras 17 e 18 - Organizações “a margem” dos dois circuitos em coabitação com a feira-livre da folha 28.



Fonte: Dados da pesquisa de campo de campo realizada em 2017.

Figuras 19, 20, 21 e 22: Organizações “a margem” dos dois circuitos em coabitação com a feira-livre da folha 28.



Fonte: Dados da pesquisa de campo de campo realizada em 2017.

Diante disso, podemos encontra também organizações que, pelo seu nível de organização, tecnologia, capital investido, e lucro ainda que em menor escala, se circunscreve no circuito superior, embora não tenha exatamente o nível de organização e relação com o

exterior, tendo em vista que se articula em uma escala local, regional e raramente nacional, o que a difere do circuito superior à guisa de comparação, figuras 19,20, 21 e 22.

Desse modo, tal inter-relação quase que simbiótica⁸, é tecida diariamente, como por exemplo:

“Dona Maria vai a feira-livre da folha 28 comprar peixe, neste momento, porém, a mesma lembra-se que se esqueceu de comprar o arroz e seu remédio de pressão, aproveitando que algumas farmácias e mesmo o Cristo Rei (Farmácia e conveniência 24 horas), compra o arroz e o remédio. Da mesma forma, - se recorda que seu shampoo acabou e, direciona-se ao Novo Tok (loja de cosméticos), e por último aproveitando estar próximo a lotérica, paga seu boleto que está vencendo”. (Crônica idealizada pela autora).

Na mesma perspectiva, essa inter-relação também é articulada pelos próprios feirantes, pois, os mesmos em dias de promoção dos grandes supermercados da cidade, compram produtos no supermercado para revender na feira, nesse sentido, ainda que de forma não intencional, contribuem para que os supermercados obtenham mais lucros.

7.6 – O poder público local e seu papel administrativo em relação a feira-livre da folha 28 em Marabá-PA.

O estado é um agente essencial para o circuito superior, tendo em vista sua ação em favor dos interesses das instituições capitalistas, um exemplo disso é a atuação do estado na construção de infraestruturas, os incentivos fiscais, criando leis que vão de encontro aos interesses sociais e ambientais, nesse sentido, o Estado muitas das vezes, deixa de atender as necessidades básicas da população, tais como a saúde, educação, moradia, segurança, dentre outros princípios fundamentais a dignidade humana presentes na constituição federal de (1988).

Em relação a isso, (Santos, 2012, p.103) discorre:

[...] as atividades do circuito superior beneficiam-se direta e indiretamente da assistência governamental, enquanto as atividades do circuito inferior não têm ajuda e além disso quase sempre dão lugar a perseguições, como é o caso dos vendedores ambulantes em muitas cidades, [...] as atividades do circuito superior dependem em grande parte da existência de capital elevado, mais frequentemente obtido com o Estado.

⁸ Termo da Biologia utilizado, aonde coloca que a simbiose é uma associação a longo prazo entre dois organismos de espécies diferentes, aonde a relação é benéfica para ambos os indivíduos envolvidos diretamente ou não.

No que concerne ao nosso objeto de estudo as feiras-livres, o estado também regula e controla as leis e normas que regem as feiras-livres, ao mesmo tempo que as negligencia, e estigmatiza-as, considerando que são inferiores, um mercado arcaico e fadado ao fracasso. Nesse sentido, acerca da ação do Estado (do poder público municipal de Marabá-PA), perante as feiras-livres de Marabá-PA, precipuamente a feira-livre da folha 28, o considera um circuito inferior, e até mesmo um “estorvo”, por considera-la como um circuito inferior da economia urbana local.

Desta forma, a assistência por parte do poder público municipal se restringe a limpeza, ao fornecimento de água, ainda que inconstante e a regularização do uso e ocupação dessa atividade no espaço físico local, e mesmo assim, ainda deixa a desejar; ocasionalmente ocorre uma fiscalização por parte do departamento municipal de postura do município, e da vigilância sanitária, em relação a esta, a atenção é um pouco maior tendo em vista, a fiscalização anual e ao curso de capacitação que a mesma oferece, porém convém ressaltar que, o curso de manipulação de alimentos é voltado principalmente aos feirantes que comercializam peixes, negligenciando o restante dos feirantes. Aquela, não visita à feira a pelo menos cinco anos. Isto é, de acordo com o departamento de postura do município, o motivo do espaço de tempo tão grande sem a sua assistência é por “questões políticas”.

O poder público municipal, em parceria com os feirantes e os empresários locais, quando para construir a feira, auxiliou na construção dos boxes ainda existentes. No entanto, a feira-livre cresce a cada dia, e por ser uma atividade econômica informal que não exija muito esforço ou escolaridade, com o aumento do desemprego na cidade, algumas pessoas recorrem a essa atividade, mesmo que seja temporária. Diante disso, os boxes existentes se tornam insuficientes e deficitários, pois não consegue acolher nem mesmo metade dos feirantes considerados legais, menos ainda os feirantes ambulantes, ou os que trabalham na feira apenas no domingo que é o dia oficial da feira.

Os feirantes da feira-livre da folha 28, consideram a atuação do poder público municipal falha e negligente, tendo em vista suas condições de trabalho, que começam pela precariedade da infraestrutura, da necessidade da construção de mais boxes, banheiros, segurança e uma limpeza mais eficiente da feira, conforme pode-se observar abaixo nas figuras 23 e 24.

Figuras 23 e 24: Em dia de feira (domingo).



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Em entrevista com o coordenador do departamento de postura do município, o senhor Alfredo Bilhome Fernandes. Segundo o mesmo, é de competência da Postura notificar os feirantes a instalar sua barraca conforme o produto vendido. O senhor Alfredo destacou ainda que a postura até o ano de 2000 a administrava a feira da 28, porém por questões de vontade política, que o mesmo enfatizou durante a entrevista a Postura pouco tem atuado na feira, prova disso é que segundo o mesmo, a última vez que a Postura foi a Feira fiscalizar foi em 2008.

Em continuidade, o senhor Alfredo destacou ainda que em parceria com a Vigilância Sanitária municipal é oferecido um curso de capacitação em manipulação de alimentos, este direcionado aos feirantes açougueiros, sendo ofertado nos anos anteriores apenas 50 vagas e, este ano segundo o senhor Alfredo foi ampliado para 200 vagas. O curso tem a duração de oito horas e os feirantes que participam do curso, recebem uma carteirinha de *Manipulador de Alimentos*.

A Superintendência de Desenvolvimento Urbano – SDU de Marabá, compete a concessão de uso do espaço público para particular, por meio de um processo licitatório. Destarte, em entrevista com o Superintendente de Desenvolvimento Urbano – o senhor Mancipor Oliveira Lopes, em sua fala, o mesmo destaca que importância das feiras reside na possibilidade de gerar renda, ainda que de forma informal.

Em continuidade, o senhor Mancipor destacou algumas proposições para a feira livre, conforme podemos ver no trecho da entrevista na íntegra, concedida nas dependências da Superintendência de Desenvolvimento Urbano, em dezembro de 2017:

“[...] uma das metas que nós temos na atual gestão é fazer o levantamento de todas as áreas de concessão do município, entre elas as feiras, e regularizar de forma a garantir ao feirante uma segurança jurídica na atividade dele, para que ele não possa ser removido, retirado de qualquer jeito, então a finalidade da SDU é fazer a gestão das áreas públicas para efeito de concessão” – Superintendente Urbano – SDU/Marabá-PA. – Mancipor O. Lopes (2017).

Desse modo, o senhor Mancipor ressalta ainda que:

“[...] o prefeito determinou que a gestão de cada uma das partes -secretaria de obras, planejamento, etc. fizessem um levantamento do atual estado da feira, das demandas, e daquilo que poderia ser feito a médio, curto e longo prazo, então nós estamos em processo de levantamento disso. No momento imediato a curto prazo; o que foi feito, foi o remanejamento daqueles feirantes que ficavam a direita da Vp8 que ficava aquelas frutaria [...], foram removidos dali, relocados para mais adiante, em uma relação contratual dos feirantes e o dono do imóvel, o município fez a terraplanagem do terreno, e o dono do imóvel cedeu, e os feirantes estão pagando para ele um valor a título de aluguel, por que ali já estava estrangulando o trânsito e foi feito de imediato, porque a feira, o instante em que ela atrapalha definitivamente o trânsito e nos finais de semana, que é uma situação mais tranquila, apensar de avolumar o trânsito os veículos naquele perímetro ali, que são pessoas que vão especificamente para a feira”, - Superintendente Urbano – SDU/Marabá-PA. – Mancipor O. Lopes (2017).

Nesse sentido, conforme podemos observar nas falas do senhor Mancipor, Superintendente de Desenvolvimento Urbano, a feira-livre da folha 28 é muito importante, para além das sociabilidades presentes nas relações existentes na feira, a feira-livre da 28 se destaca também por gerar renda para muitas famílias Marabaenses e emprego, ainda que em sua maioria, na informalidade.

Da mesma forma, ao final da entrevista com o Superintendente de Desenvolvimento Urbano, o senhor Mancipor enfatizou com veemência as proposições para a feira livre da 28, a seguir um trecho da transcrição da entrevista na íntegra, realizada em dezembro de 2017:

“[...] a Secretaria de planejamento está desenvolvendo um projeto para nos debatermos e saber se vai continuar lá da forma que está, agora não sabemos se vai continuar da forma que esta, com interrupção de tráfego e se vai haver desapropriação de área para criação de uma nova feira, na verdade a feira da 28 cresceu demasiadamente e acabou ficando com um espaço pequeno, e como ela já virou tradição, nós não temos a mínima vontade, nem o desejo, nem a intenção de retirar a feira por completo, nós temos a intenção de melhorar e estruturar, e remanejar aqueles que não podem continuar ali, até por conta de espaço físico [...]” – Mancipor O. Lopes (2017).

A prefeitura municipal de Marabá-PA por meio do departamento de Vigilância Sanitária do município, é responsável por atestar e fiscalizar a qualidade dos produtos vendidos na Feira-livre da folha 28, especialmente as carnes, os queijos e os peixes, conforme destacou Daniel Soares Silva – Coordenador de Vigilância Sanitária, em entrevista ocorrida em 11 de novembro de 2017, na sede da Vigilância Sanitária.

Inicialmente, indagado sobre qual a importância da Feira-livre da folha 28 para o município de Marabá-PA, o mesmo ressaltou em sua fala que “a feira-livre da folha 28, Feira é importante para os pequenos produtores que comercializam seus produtos ali, e também por que é uma distribuição de renda uma vez que os pequenos produtores comercializam seus produtos, além de uma economia viável para o município, e é aonde a população costuma frequentar para comprar seus produtos diários ali” (Daniel Soares Silva, Coordenador de Vigilância Sanitária, 2017).

Em continuidade a arguição, indagado em relação à atuação da Vigilância Sanitária, o mesmo destacou que:

“[...] sobre o papel da vigilância sanitária na Feira da folha 28, a vigilância ainda estar a desejar, [...], nós precisamos estar mais presentes ali, monitorar mais esses produtos que estão sendo comercializados [...], embora a gente sabe que depois do cozimento, esses produtos ficam livres, ficam neutros de qualquer impureza, pronto para ser preparado, para ser consumido. Mas a gente precisa estar mais vezes ali, [...] e a nossa meta é estar lá mais vezes. brevemente a gente vai está fazendo uma programação só com todas as feiras livres que atendemos: Feira da folha 28, Feira da laranjeira, Feira da Pioneira/Agricultor”. Daniel Soares Silva, (2017).

Nesse sentido, em continuação, inquirido sobre de que forma a Vigilância Sanitária tem orientado os feirantes a verificar a qualidade dos produtos comercializados, e se realiza ou promove cursos de capacitação em parceria com outras instituições, o mesmo discorreu que:

“A vigilância é responsável por monitorar esses produtos que estão expostos no comércio para a população, nós já fomos esse ano, de vez em quando nós vamos lá, fazer fiscalização nos açougues, peixes, em geral. E anualmente nos realizamos um curso de capacitação em manipulação de alimentos. A gente chama todo aquele povo que manipula alimentos, dentro dos feirantes, e notifica que eles precisam passar por esse treinamento. A gente passa noções de manipulação de alimentos, de higiene, as formas corretas de preparar os alimentos. A gente passa durante o dia. Aonde eles vão num primeiro momento em uma palestra, e depois eles passam por uma avaliação médica, para saber se eles estão em condições de manipular os alimentos, se as mãos estão limpas, e no final tomam uma vacina, para imuniza-los e logo em seguida recebem uma carteirinha que tem um prazo de validade de

seis meses (carteira de manipulador de alimentos)”. (Daniel Soares Silva, Coordenador de Vigilância Sanitária 2017).

Destarte, de acordo com o coordenador de Vigilância sanitária, os feirantes que participam do curso e, que passam por exames, são imunizados e recebem a carteirinha. Porém, aqueles que não passarem nos exames médicos é prescrito uma receita para eles e recebem um tratamento. Logo feito o tratamento, e estiverem eles recebem a carteirinha de manipulador de alimentos.

No entanto, considerando que os produtos comercializados na Feira-livre da folha 28, em sua maior parte veem de longe, inclusive de outros estados, diante disso, questionei ao coordenador da Vigilância sanitária, se a mesma fiscaliza a procedência desses produtos, em sua forma de produção e transporte, assim, o senhor Daniel S. Silva discorreu:

“A vigilância sanitária é um órgão fiscal que é restrito ao território municipal, então assim, a gente não costuma verificar a fonte, a gente costuma verificar os alimentos que estão dispostos no comercio. Como geralmente são produtos alimentícios, sendo: frutas, peixes, carnes, galinha, etc. isso tudo a gente analisa quando vai fazer a inscrição. Mas é igual eu já falei, a vigilância sanitária precisa fazer mais. Precisa estar mais presente nas feiras [...] a gente vai a feira pelo menos três vezes ao ano. Em todas as feiras, como eu falei, a gente faz programação, por exemplo: esse mês a gente vai trabalhar na feira tal, mês que vem na feira tal [...], para fazer inspeção naqueles alimentos que estão sendo comercializados. Sem falar que todos os anos, todos eles tem que pedir licença a vigilância sanitária, então quando ele vem requerer licença sanitária a gente tem que ir lá vistoriar cada um daqueles boxes que estão lá, isoladamente, pois eles isoladamente foram vistoriados pela vigilância sanitária. Daniel Soares Silva, Coordenador de Vigilância Sanitária, (2017).

Finalizando a entrevista, em relação à receptividade dos feirantes quanto às ações de fiscalização da Vigilância Sanitária, o mesmo ressaltou que:

“Os feirantes são bastante receptivos a vigilância sanitária, só os açougueiros que às vezes quando a gente vai fazer fiscalização que tem produtos que a gente tem que fazer apreensão, eles ficam chiando um pouquinho [...], mas já estão acostumados a fiscalização sanitária”. Daniel Soares Silva, Coordenador de Vigilância Sanitária ,(2017).

Quanto a registros documentais, inerentes à atuação da Vigilância Sanitária na Feira-livre da folha 28, o coordenador da vigilância sanitária, ressaltou durante a entrevista que os registros documentais, são de cunho técnico físico-químico, não sendo necessário analisar tais documentos, dada a natureza deste trabalho.

Nesse sentido, podemos inferir que, a feira-livre da folha 28, está em constante pauta nas agendas do poder executivo municipal, o que demonstra a importância da feira para o

desenvolvimento socioeconômico da cidade de Marabá-PA. Diante disso, faz-se necessário que o poder público faça uma revitalização dos espaços que compreendem a feira a feira-livre da folha 28; além disso, faz-se necessário que o poder público construa um mercado municipal, de modo a abrigar e dar melhores condições ambientais de trabalho, tendo em vista que, os espaços que compreendem a feira livre da folha 28, se tornam pequenos perante a quantidade de feirantes, principalmente aos domingos. Outra medida paliativa, seria o fechamento do tráfego de veículos no âmbito da feira, tendo em vista, a intensa circulação de veículos e pedestres, ocasionado um caos, e às vezes até acidentes.

É importante ressaltar que os feirantes da feira-livre da folha 28, se recusam a sair daquele espaço, para outro que não seja no centralizado, os mesmos alegam que pelo fato da feira ser em um espaço central, atrai mais clientes, e em caso de serem realocados para outro espaço temem perder seus clientes. Vale ressaltar que os feirantes da feira-livre da 28, que antes trabalhavam as margens da Vp. 8 em razão de devido a quantidade de veículos que estacionavam na pista para fazer suas compras. De acordo com o poder público municipal, este notificado pelo Departamento Municipal de Trânsito-DMTU, para sanar a problemática, retiraram os feirantes e os remanejaram acerca de 500 metros a diante, em um terreno privado.

Desse modo, o poder público municipal remanejou os feirantes para outro espaço, fez a terraplanagem do terreno, o dono do imóvel cedeu o espaço, porém os feirantes estão pagando a título de aluguel a importância de R\$ 500,00 reais, o que foi motivo de extrema insatisfação por parte dos feirantes, pois os mesmos alegar que o aluguel é muito caro, e que ainda tiveram que construir boxes, segundo os mesmos “tirando dinheiro da aonde não se tem”, figuras 25, 26, 27 e 28.

Figuras 25, 26, 27 e 28 - Feirantes remanejados por estarem atrapalhando o



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017

Vale ressaltar que, além de uma assistência mais efetiva por parte do poder público municipal, os feirantes também precisam contribuir também na limpeza da feira, como por exemplo: não jogar os restos de alimentos sobre a rua e levar sacos plásticos para armazenar seus resíduos, se os feirantes adotassem essas duas medidas, já diminuiria consideravelmente os resíduos e mesmo os odores ocasionados em decorrência dos mesmos.

Figura 29 - Final da feira, os resíduos na feira triplicam



Fonte: Dados da pesquisa de campo realizada em 2017.

Portanto, diante de tudo o que foi exposto nessa pesquisa, percebemos, a necessidade de revitalizar os espaços da feira-livre da folha 28, instalar uma rede de saneamento básico, construir mais boxes e banheiros que venham a atender as necessidades dos feirantes, dando-os assim, melhores condições ambientais de trabalho e comodidade para seus frequentadores, tendo em vista que, a feira-livre já virou uma tradição, para além das necessidades de consumos diários de alimentos e utilidades domésticas e pequenos serviços de conserto, mas como um espaço de sociabilidade, de lazer e de encontros, figura 27.

Mesmo sendo um espaço que de fato à guisa de comparação com os supermercados da cidade, é um espaço arcaico e obsoleto, todavia em conformidade com Santos. (2008, p.106):

[...] cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. [...] tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história; acotovela-se em todas as situações. Mas se os elementos de uma dada situação trabalham em conjunto, é o novo que aparece como dotado de maior eficácia, com.

Dessa maneira, se a feira-livre perdura até os dias atuais, mesmo com todas as dificuldades, “mais contras do que prós”, isto é, enfatiza a importância da feira-livre para o desenvolvimento socioeconômico da economia urbana local, ela deve a seus feirantes que trabalham e que resistem as péssimas condições de trabalho ao qual estão expostos, bem como

seus frequentadores, que mesmo com outras opções de consumo consideradas mais confortáveis e higiênicas, preferem “fazer a feira”!

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa não é uma tarefa fácil, na construção desse trabalho houveram vários percalços, dentre eles destaca-se: os trabalhos de campo, estes foram a etapa mais exaustiva na construção desse tempo, como também o que mais demandou tempo, todavia, os trabalhos de campo também foram de muitos aprendizados, não só na construção desse trabalho, mas também em minha vida pessoal, aprendi muito ouvindo e observando os feirantes, bem como a dinâmica da feira-livre da folha 28.

Na mesma perspectiva, as entrevistas com as secretarias municipais também foram de muita valia para compreender o papel administrativo do poder público municipal, pude constatar que existe uma certa assistência em relação a feira-livre da folha 28, entretanto é necessário uma assistência mais efetiva, principalmente na infraestrutura da feira que se encontra bastante precária, e não oferece as condições ambientais mínimas de trabalho aos feirantes, além de comodidade aos que frequentam a feira-livre da folha 28 diariamente, tendo em vista que a feira-livre da 28, para além de um espaço de consumo para diferentes sujeitos, é também um espaço de sociabilidade entre os sujeitos que (re) produzem os espaços da feira-livre da folha 28

Considero que conseguir que realizar meus objetivos propostos, ao iniciar essa pesquisa, aonde o objetivo geral desta pesquisa era analisar a dinâmica da Feira-livre da folha 28 e das práticas cotidianas tecidas nos espaços da feira-livre da Folha 28, os objetivos específicos tinham como pretensão identificar e analisar as atividades desenvolvidas na feira e no seu entorno e qual a relação dessas com os circuitos da economia bem como analisar a dinâmica sócioespacial da feira e a relação com o seu entorno nos dias de funcionamento e verificar a existência/efetividade de políticas públicas municipais voltadas para os feirantes da folha 28, no município de Marabá-PA além de avaliar o perfil dos sujeitos que dependem e frequentam a feira-livre da folha 28, e quais as suas práticas cotidianas.

Os apontamentos desse trabalho, confirmam as teorias dos autores utilizados na construção desse trabalho, ao demonstrar que o espaço da feira-livre da folha 28, é um “espaço praticado”, engendrado nas trocas de saberes em suas “artes de dizer” e nas “artes de fazer” dos sujeitos que fazem a feira seja os feirantes que dependem da feira para a sua sobrevivência, e dos que frequentam fidedignamente a feira, não só pela qualidade dos

produtos, mais pelo fato de a feira-livre da folha 28, também ser um espaço sociocultural – do fazer a feira – da conversa informal – do toque – dos sons – dos cheiros, odores e sabores.

Portanto, este trabalho, pode contribuir para o poder público municipal de forma significativa na elaboração de programas e projetos direcionados a feira-livre da folha 28. E espero que esse trabalho sirva de inspiração, e como um ponto de partida para futuros pesquisadores que desejam se enveredar na temática aqui apresentada, dentre outras abordagens acerca da feiras-livres e quem sabe a referida feira estudada.

9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOECHAT, Patricia Teresa. SANTOS, Jaqueline Lima. **Feira Livre: Dinâmicas Espaciais e Relações Identitárias**. Programa de Pós Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da da Universidade Estadual da Bahia, 2009.

ANDRADE, Alessandra Araújo. **A Feira Livre de Caicó/RN: Um Cenário de Tradição e Resistência às novas estruturas comerciais modernas**. Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Monografia, p. 85 - UFRN, 2015.

Godoy, Wilson Itamar. **As feiras-livres de Pelotas, RS: Estudo sobre a dimensão socioeconômica de um sistema local de comercialização**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Agronomia, Área de Concentração: Produção Vegetal, Faculdade de Agronomia. Universidade Federal de Pelotas – p. 313, 2005.

SANTOS, José Erismar. **Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.2 p. 39-56, mai./ago., 2013

ALMEIDA, Shirley P. N. de Castro. **FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS -Universidade Estadual de Montes Claros, p. 136, 2009.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configuração sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. Dissertação (mestrado), pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, 166 f. p. 80 a 115.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “Artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA): dimensão geográfica e existência cotidiana**. 2010, 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010. 118 p.

NUNES, Debora Aquino. **Feiras-livres & feiras de exposição: expressão de relação cidade-floresta no sudeste do Pará**. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Tropicó Uúmido - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2015, 256 f.

FORMAN, Shepard. **Camponeses: Sua Participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CERTEAU, Michael de. **A Invenção do cotidiano – 3: Artes de Fazer**. Petrópolis, Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**, São Paulo. Centauro, 2001.

SOUZA, Carolina Rezende de. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação**, p. 126 a 144. TrabalhoNecessário – www.uff.br/trabalhonecessario; Ano 13, Nº 22/2015.

AMARAL, M. D. B. **As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências nas cidades de Marabá-PA, Macapá-AP e Castanhal-PA**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 20, n. 2, p. 376-391, mês. 2016. ISSN 2179-0892. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>.

VEDANA, Viviane. fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. horizontes antropológicos, porto alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013

GRIMM, Flavia. **Teoria dos circuitos da economia urbana: debates e contextos preliminares**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos. P. 10. AGB - Porto Alegre - RS, 2010. 978-85-99907-02-3.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional**. ed -5. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Da Totalidade ao Lugar** – 1. ed., São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**; em colaboração com Denise Elias. 6. Ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. – 4. Ed. 5 reimpr. – São Paulo: editora da universidade de são Paulo, 2009.

CARLOS, A. F. A., SOUZA, M. L., SPOSITO, M. E. B., (Organizadores), **A produção do Espaço Urbano: Agentes e Processos, Escalas e Desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil**. *Revista da História*, São Paulo, n. 105, 1976. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/105/a05n105op.pdf>>. Acesso em: 09/09/2017.

10- SITES CONSULTADOS.

Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/captacao-de-recursos-para-revitalizacao-de-espacos-comerciais,c269c043c49a4410VgnVCM2000003c74010aRCRD> acesso em 11/11/2017

Disponível em: <http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI336684-17180,00-ACAO+MODERNIZA+FEIRAS+LIVRES+E+MERCADOS+PUBLICOS+CAPIXABAS.html> Acesso em 11/11/2017

Disponível em: http://transparencia.maraba.pa.gov.br/files/2013/04/PPA-2014_2017-MARAB%C3%81-PA.pdf acesso em 11/11/2017.

Disponível em: <http://www.sedurb.pa.gov.br/pdm/maraba/pdm.pdf> acesso em 11/11/2017 as 19:08

Disponível em: <http://maraba.pa.leg.br/portaltransparencia/legislacao-institucional> acesso em 11/11/2017 as 19:12

Disponível em: <http://didilleite.blogspot.com.br/2015/04/poesia-feira-livre.html> acesso em 27 de fevereiro de 2018

10 APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FAGEO**

QUESTIONÁRIO - FEIRANTE

01 - Nome do entrevistado (Opcional):

02 - Onde reside: Nova Marabá (); Cidade Nova (); Velha Marabá (); São Felix (); Morada Nova (); Outro () Qual?

03 - Idade:

04 - Escolaridade:

05 - Vive unicamente da feira?

06 - Profissão ou outras fontes de renda (aposentadorias, pensão, benefícios sociais, etc.), além da feira, se for o caso:

07 - Tempo de atuação na feira:

08 - Produtos comercializados:

09 - É produtor ou compra de terceiros?

10 - Se produtor, vende apenas o que produz ou é também intermediário (também compra e revende produção de outras pessoas de sua localidade ou vizinhanças)?

11 - Caso compre de terceiros, de quem compra? De onde vem essa mercadoria?

12 - Tem fregueses fixos:

13 - Possui ajudante:

14 - Horário que chega à feira:

15 - Horário que sai:

16 - Compra produtos na feira?

17 - Frequenta outra feira como consumidor?

18 - Comercializa em outra feira?

19 - Como é o relacionamento com os outros feirantes?

20 - O poder Público Municipal tem alguma política/programa voltado aos Feirantes/Feira?

21 - Há uma associação/Sindicato dos Feirantes?

22 - É filiado a essa associação?

21. Se não, por que?

23 - Qual a maior dificuldade encontrada em trabalhar na feira:

24 - Quais as vantagens em trabalhar na feira?

25 - Quais as sugestões que você teria para o melhoramento da feira:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FAGEO

QUESTIONÁRIO -FREGUESES

01 - Nome:

02 -Idade:

03 - Escolaridade:

04 - Profissão: _____

05 - Residência: Nova Marabá () Cidade Nova () Marabá Pioneira () São Félix () Morada Nova () Outro ()

Qual? _____

06- Com que frequência vem a feira? E por que a Feira Livre da Folha 28?

07-Quais produtos você costuma comprar na Feira livre da folha? Sempre compra esses produtos aqui na Feira?

08- Você considera a Feira Livre da folha 28 importante para o desenvolvimento local? _

09 - Você já tem os feirantes/bancas certos para fazer suas compras?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FAGEO

QUESTIONÁRIO - PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE FEIRANTES

1- Nome:

2- Idade:

3- Escolaridade

4- Apenas feirante ou tem outra ocupação?

5- Como surgiu a Feira Livre da Folha 28?

6- Qual o Número total de Feirantes?

7-

8- Os feirantes pagam alguma taxa pelo espaço que ocupam, de quanto?

9- Há um mapa da Feira Livre da Folha 28?

10- Há alguma política/programa para a Feira/Feirantes por parte da prefeitura municipal?

11- Há algum projeto de melhoria infraestrutural para a Feira Livre da Folha 28?

12- Do ponto de vista sanitário, há alguma orientação no acondicionamento dos alimentos, principalmente as carnes, os laticínios e as verduras que ficam expostos ao ar livre? Há fiscalização por parte da vigilância sanitária?

13- Atualmente qual a maior dificuldade apontada pelos feirantes e o que a associação tem feito para resolvê-la? Há cobrança / reivindicação dos feirantes enquanto categoria junto ao poder público?

14- O que o senhor acha que precisa ser melhorado na Feira livre da Folha 28? Quais as medidas da sua gestão para melhorar a Feira Livre da Folha 28?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO**

**QUESTIONÁRIO –PRESIDENTE DO SINDICATO MUNICIPAL DOS VENDEDORES
AMBULANTES E FEIRANTES DE MARABÁ-PA**

01 – Nome:

02- Idade:

03- Escolaridade:

04 – O senhor é/ou já foi feirante?

05- O que lhe motivou a ser presidente do sindicato dos feirantes da feira-livre da folha 20?

06 – Como surgiu a feira-livre da folha 28? Sempre foi na folha 28?

07 – Qual o número total de feirantes da feira-livre da folha 28? Quantos são os feirantes cadastrados? Como é feito esse cadastro? O número total de feirantes corresponde ao número de barracas? (posso ver os cadastrados?)

08 – Os feirantes pagam alguma taxa pelo espaço que ocupam? De quanto?

09 – Há uma definição de como os preços serão praticados na feira livre da folha 28? Como é feita essa definição?

10 – Existe um cálculo do movimento financeiro da feira? Quem faz esse cálculo?

11 – Há um mapa da feira-livre da folha 28: Como é feita a definição das barracas?

12 – Há alguma política/programa para a feira/feirantes por parte da prefeitura municipal?

13 – Há algum projeto de melhoria infraestrutural para a feira-livre da folha 28, a médio e longo prazo?

14 – Do ponto de vista sanitário, há alguma orientação no acondicionamento dos alimentos, principalmente as carnes, os laticínios e as verduras que ficam expostos ao ar livre? Há uma fiscalização por parte da vigilância sanitária?

15 – Atualmente qual a maior dificuldade apontada pelos feirantes, e o que o sindicato dos feirantes tem feito para resolvê-la? Há cobrança / reivindicação dos feirantes enquanto categoria junto ao poder público?

16 – O que o senhor acha que precisa ser melhorado na feira-livre da folha 28? Quais as medidas da sua gestão para melhorar a feira-livre da folha 28?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO Á VIGILÂNCIA SANITÁRIA

01- Nome:

02- Escolaridade:

03- Cargo:

04- Qual a importância da Feira Livre da Folha 28 para o município de Marabá-PA e, de que forma a Vigilância Sanitária tem atuado na Feira Livre da Folha 28?

05- A Vigilância Sanitária tem orientado os feirantes a verificar a qualidade dos produtos comercializados? Realiza ou promove cursos de capacitação em parceria com outras instituições, caso a resposta seja positiva, quais cursos realiza e/ou promove?

06- Considerando que os produtos comercializados na Feira livre da Folha 28, em sua maioria vem de muito longe, inclusive de outros estados. Nesse sentido, a Vigilância Sanitária fiscaliza a procedência desses produtos, sua forma de produção e transporte?

07- Os feirantes são receptivos as ações de fiscalização da Vigilância Sanitária na Feira livre da folha 28?

08- Há registros documentais referentes a Feira livre da folha 28, do seu surgimento e/ou de ações da Vigilância Sanitária?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO A SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO
URBANO – SDU.**

01- Nome:

02- Escolaridade:

03- Cargo:

04- Qual a importância da Feira Livre da Folha 28 para o município de Marabá-PA e, de que forma o SDU tem atuado na Feira Livre da Folha 28?

05- Em entrevista com os feirantes da Feira Livre da Folha 28, os mesmos destacaram diversas problemáticas, tais como: Infraestrutura inadequada, falta de organização, falta de limpeza, falta de água. Diante disso, existe algum projeto de revitalização em andamento e/ou para implementação futura para Feira livre da Folha 28, bem como as demais? E o que vem fazendo para amenizar problemáticas citadas acima?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO DEPARTAMENTO DE POSTURA DO
MUNICÍPIO.**

01 – Nome:

02 – Escolaridade:

03 – Cargo:

04 - Qual a importância da Feira Livre da Folha 28 para o município de Marabá-PA e, de que forma o Departamento de Postura tem atuado na Feira Livre da Folha 28?

05 – Existe algum programa/projeto de capacitação dos feirantes, no manuseio de alimentos, na gestão de negócios e de revitalização dos espaços da feira-livre da folha 28?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO SEBRAE

01 – O Sebrae Marabá-PA dispõem de alguma iniciativa/parceria com o poder público municipal no que diz respeito as Feiras, especificamente a feira-livre da folha 28?

02 – Fazendo uma pesquisa sobre as ações do Sebrae em relação as feiras-livres, encontrei o “programa de revitalização de espaços comerciais”, esse programa é uma parceria entre o Ministério das Cidades e as prefeituras municipais. O mesmo já foi implantado em algumas cidades nordestinas, e mais recentemente no Espírito Santo. Diante disso, gostaria de saber se o Sebrae de Marabá-PA já tem uma iniciativa como essas, ou outras a curto, médio e longo prazo em relação as feiras-livres Marabaenses?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PRESIDENTE DO SINDICATO MUNICIPAL DOS VENDEDORES AMBULANTES E FEIRANTES DE MARABÁ-PA

- Abraão Martins de Sousa, - 73 anos, - ensino fundamental completo. – ainda sou feirante, - vou só aos domingos vender artesanato.

- Na verdade, não foi uma motivação, - fui indicado pelos Feirantes, - quando foi para construir a Feira eu não era da diretoria do sindicato não. - Eu era associado e ajudava os companheiros a cadastrar as pessoas, tinha uns que era a favor da construção, mas era para construir em parceria com a prefeitura e os feirantes. - Ai quando foi para mudar ali daquele espaço da 28, para construir os boxes, os feirantes foram alocados ali pra próximo da Revemar na folha 27, para construir os boxes.

- Ai deu muita confusão, o povo dizia que ia, mas não voltava! a prefeitura não ia fazer isso, - tem vereador que não acreditava que o prefeito fizesse isso, - ai nos acreditamos, mudamos pra lá, era pra voltar até dezembro, mas voltamos só em maio. - Ai por esse motivo, pela necessidade, - por que eu ajudava os campaneiro para organizar os cadastro, - ai por esse motivo quando terminou o mandato do Paulo Firmino, - eu fui indicado pra ser presidente da feira da folha 28.

- A Feira surgiu depois da casa são Joao, em uma casa que nem existe mais lá, morava um senhor que se chamava Antônio Carajás, - ele era quase um índio ele era um comerciante, e chamava os vendedor de peixe qualquer coisa, - pra ir lá pra frente do comercio dele, que era um comercio grande de secos e molhados. - E depois com a enchente de 1980, o povo veio de lá da Pioneira, e ai a coisa aumentou, começaram a construir barracas de lona, de Brasilit, era aquela bagunça ne! [...]

- E aí a feira surgiu disso, foi crescendo, foi crescendo e quando foi em 1994, - nos conseguimos nos organizar. - Pois como o presidente da associação na época morava lá na velha marabá e era muito “sigiloso” e aí a gente fez uma comissão, chamamos o presidente ele ficou desconfiado... ah já sei o que que vocês quiserem! Aí convocou uma eleição de imediato, nós podia botar nosso candidato à presidência, ele não aceitou, mas aceitou ter um vice-presidente, ai nos indicou o nosso presidente.

[...] - E aí esse presidente dele não fazia nada, mas também não impedia o nosso de fazer alguma coisa. E ele assinava todos os documentos que nos pedia. - Nós lutamos até que conseguimos construir a feira em 1994, sendo inaugurada em 1995.

- E aí, resumindo a Feira surgiu disso, inicialmente por iniciativa do seu Antônio Carajás, que pedia para os feirantes colocar seus produtos (peixes, verduras, frutas, tudo na sua parte), e depois da enchente de 1980, o povo que trabalhava na marabá pioneira, veio tudo aqui para a 28, inicialmente era uma praça, e aí foi crescendo, e como diria o senhor Firmino antigo presidente do sindicato - “cresceu tanto que virou uma favela”!

- E aí em 1997, eles me elegeram “sem eu querer” secretario do sindicato dos vendedores ambulantes e feirantes. - Eles não tinha uma cultura muito elevada para tar escrevendo as coisa! e também ta escrevendo os cadastro, essas coisa! - A parceria foi feita para feirante contribuir com cimento, - aí eu pegava o nome de todos que ia ta contribuindo com cimento para construção da feira.

- Aí foi indo, todos contribuíram, os que contribuíram menos, - contribuíram com meio saco de cimento, os outros deram de dois de cinco de dez. e aí depois pediu a doação também para o comercio. - O cabeludo, já morreu também, que era dono de uma empresa de venda de areia e seixo, ele deu muita carrada de areia, de seixo e dizia que o que precisasse era pra contar com ele! ele queria ver essa feira construída!

- E aí o sindicato fez uma série de coisa aí no comercio, e conseguiu construir. - A prefeitura dizia que não tinha condição de construir e sugeriu a parceria. - A prefeitura só deixou os boxes feitos, não botou porta, nem nada; as portas, pintura, forro foi por conta do feirante, só levantou.

....

- Não sei o número total de feirantes hoje... pois tem dia de domingo e dia da semana ou mês que tem mais de trezentos, quatrocentos feirantes na feira da 28. - Eu não fiz cadastro mais, eu passei seis anos afastado, de fora da diretoria dos feirantes, eu passei seis anos, e aí o ano passado eu fui eleito novamente. - Fiquei seis anos fora, pois tava trabalhando demais na feira, - e aí agente arruma muita amizade na feira e também muita inimizade na feira pois tem gente que gosta da gente, do trabalho da gente, mas tem gente que não gosta do trabalho da gente.

- Por que tem coisas que a gente tem que dizer - “não, não é assim” e aí tem gente que fica com raiva. - E aí elegeram uns dois mandato depois de mim, e aí eu por ter trabalhando tanto pela construção a feira, eu muito me sinto responsável pela feira e pelo sindicato a gente lutou tanto... - e conseguiu e aí eu tava vendo agora o sindicato tava muito

desorganizado. Aí eu decidi me candidatar de novo [...] aqui tem muita gente contra nós [...] - tem gente que ta dentro de um box e fica reclamando.

- A feira foi construída na luta do sindicato, mas eles não agradece isso, ainda diz que o sindicato não fez nada. Mas a gente lutou, e aí acho que a gente deve continuar lutando, não vou deixar o sindicato solto assim não, por que se fosse só pelo povo da 28, pelos feirantes da 28, eu não ia me candidatar... mas como o sindicato é municipal[...] - E tamo ai, nos tamos é fazendo muita coisa pois, essa associação que você entrevistou foi criada para atrapalhar o sindicato [...], há um conflito entre o sindicato e a associação dos feirantes.

...

- O número de boxes hoje corresponde ao mesmo número que da construção, - quer dizer, - foi ampliando o número de boxes para os peixeiros, - foram construídos mais oito boxes, agora tem noventa boxes. Então não aumentou praticamente nada! - Tem umas ocupação, invasão na cabeceira da feira, e na ponta da feira perto da casa são João, - uns barbeiro e um sapateiro invadiu uns boxe, mas não é boxe oficial da prefeitura nem do sindicato.

- Em relação a feira da 28, - eu já organizei um projeto e já ate encaminhei ao prefeito. Onde solicito a construção de galpão grande aqui na nova marabá, não no mesmo local, - ali naquele estacionamento entre a Revemar e o Hotel São Bento, - no fundo daquele campo de futebol, - ali dá um galpão muito grande, bom, um local adequado para a feira; - dá para fazer pista dos dois lados.

- O local que compreende a feira atualmente ficaria desafogado, - tiraria esse povo que fica na rua. - Esse balcão la servia pra colocar esse povo que ta trabalhando no meio da rua, pois vem muita rua gente da roça e ai esse povo fica na chuva, - e até o “infeliz que vai comprar, não vai querer ficar na chuva, ne? - Então tem que esperar a chuva passar pra ele ir lá!

- Então a construção desse galpão é pra isso... - pra acomodar o pessoal que fica na rua, - inclusive aquele pessoal que fica ali naquele terreno que foi relocado pra lá não vão aguentar por muito tempo ficar pagando aquele espaço! [...] - Esse pessoal que ta naquela pracinha cheia de feirante com aquela barraca feia! - Então isso é muito perigoso, esses dias eles colocam as barracas ali naquele meio fio, e ai agente solicita a construção do galpão ali naquele espaço da feira da 28 atualmente por que ali não cabe, - então agente ta querendo organizar aquilo dali em outro espaço. - E ai desafoga aquele espaço.

- Eu chamei seis vereador, - para apresentar a proposta da feira pra eles, mas eles não se interessaram! - Só veio um, e dois representante. - Esses dois não foram a favor desses

documento, desse local ali, - por que é meio de rua, o prefeito quer deixar aquilo ali limpo, mas ai, - será que só os empresários pode ter coisa bonita? Que só pode ajudar os empresários? - Os empresários não gostam de pobre! - mas se aproveitam dos pobres! Onde tem pobre aglomerado eles aproveitam! - Olha aí na 28 a quantidade de farmacia, que diz que ta dando remédio pra curar o povo! - mas ta é adoecendo e matando o cara!

- Por que ali na 27 tinha uns barracos ali na 27, ai foi o alvorada e fizeram barraco ali, fizeram boxezim de lanche. - E ali não era um local adequado, - e ai eu entreguei essa proposta pra quase todos os vereador pra eles tomarem conhecimento, e se quiseram ajudar... e se a universidade quiser ajudar também ne?!

- Ali quando é dia de domingo, - ali na frente da Leolar, - é muito cheia de moto taxi, se tirasse aqueles moto taxi dali, - e colocasse naquele buraco ali em frente a universidade ficava bom demais! - Aterrava aquilo lá, e fazia um estacionamento, - dava lugar para os moto taxi e para o povo que vem comprar, - além de dar uma vida pra aquele pedaço de feira!

...

- Eles tem uma ficha tem cadastro (dados gerais – CPF, RG, data de nascimento, endereço, produto vendido, quanto tempo vende na feira, é sócio do sindicato. - Sobre a quantidade de feirantes cadastrados, e a quantidade de feirante na feira não corresponde ao numero de boxes. - Os feirantes pagavam uma taxa, para ajudar a pagar um funcionário para ajudar alguém a varrer, era uma taxa que variava de acordo com a banca, a quantidade de coisa pra se vender, mas era uma taxa de 2, 3, 4. - E tinha a taxa também dos associado, que na época era de 5 reais e agora ta 10 reais, só que agora eles tão tudo inadimplente!

...

- Com relação a definição de preços na feira, o sindicato não interfere, - é por conta do feirante. - Do cálculo financeiro da feira, não existe essa contabilização, - e isso é uma coisa boa! - Até pra ter uma ideia do quanto fatura a feira [...], - eu sempre pergunto pros feirantes se venderam bem, quanto faturam, como que tão as vendas,? - mais eles não gosta muito de responder isso não, - alguns até ficam com raiva!

...

- Não existe um mapa de definição das barracas, ou definição de como será definido as barracas, uma separação dos produtos. - Em relação a prefeitura, não ta fazendo nada!

- Com relação a orientação na manipulação e manuseio dos alimento, - a prefeitura tem organizado isso, inclusive quando construiu os boxes, - a vigilância sanitária foi até a feira pra explicar como é que trabalha com os alimentos, com a questão da saúde, das doenças

que são passada pelas mãos, - pro pessoal do meio da rua não tem nada! - pro pessoal dos açougues, eles acompanham sempre. - . Por enquanto não há nada de cursos de capacitação!

...

- O pessoal que ta na pracinha reivindicam fazer uma cobertura, - mas eu particularmente, - sou contra! pois não adianta ajeitar uns e outros não! - é por isso que eu to solicitando a construção desse galpão... - por que ai fica bom pra todo mundo!

...

- A maior reivindicação dos feirantes é colocar uma cobertura.

....

- As medida que eu tenho pra cá [...] - são muitas! - e nem eu tenho escrita e nem pensada! - As medidas da minha gestão, é uma coisa que tinha que ter feito de início! não é nem urgente mais! - ta passado do ponto! e hoje tem que fazer! - é rede de esgoto, - de capitação de agua! - por que também tem aquela agua do peixe, essa é uma reivindicação que tinha que ser feita de início! eu cobreí isso do vereador que morava ai, mais os vereadores disse que não... - a gente precisa de uma rede de esgoto, porque a gente mora na cidade ne?! - não mora no mato!

- Uma outra coisa, - tem feirante que é muito sebozo! - a vigilância sanitária vive ai! - na feira... - tem os produtos de se vender em feira[...] - bebida alcóolica não é coisa de se vender em feira! - assim como barbearia também! - Tinha que tirar esses barbeiro! - pra colocar os que vende verdura que fica no meio da rua, tirar daí esse povo...



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO**

**TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA ENTREVISTA REALIZADA COM O
COORDENADOR DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA**

- Sobre a Feira da 28, - eu acho que a Feira é importante sim, - para os pequenos produtores que comercializam seus produtos ali, - e também por que é uma distribuição de renda por que os pequenos produtores comercializam seus produtos, - além de uma economia viável para o município, - por que é aonde os a população costuma frequentar para comprar seus produtos diários ali.

Sobre o papel da vigilância sanitária na Feira da folha 28, - a vigilância ainda estar a desejar, - nos precisamos estar mais presentes ali, - monitorar mais esses produtos que estão sendo comercializados.

- Embora a gente sabe que depois do cozimento, - esses produtos ficam livres, - ficam neutros de qualquer impureza, - pronto para ser preparado, - para ser consumido. - Mas agente precisa esta mais vezes ali, - e a nossa meta é estar lá mais vezes. - brevemente a gente vais esta fazendo uma programação so com todas as feiras livres que atendemos: Feira da folha 28, Feira da laranjeira, Feira da Pioneira/Agricultor.

- A vigilância é responsável por monitorar esses produtos que estão expostos no comercio para a população, nós já fomos esse ano, de vez em quando nos vamos lá, fazer fiscalização nos açougues, peixes, em geral. - E anualmente nos realizamos um curso de capacitação em manipulação de alimentos.

- A gente chama todo aquele povo que manipula alimentos, - dentro dos feirantes, que eles precisam passar por esse treinamento. - A gente passa noções de manipulação de alimentos, de higiene, as formas corretas de preparar os alimentos. - A gente passa durante o dia. - Aonde eles vão num primeiro momento em uma palestra, - e depois eles passam por uma avaliação medica, para saber se eles estão em condições de manipular os alimentos, as mãos estão limpas, - e no final tomam uma vacina, para imunizá-los, - e logo em seguida recebem uma carteirinha que tem um prazo de validade de seis meses (carteira de manipulador de alimentos).

- Todos que participam do curso e, que passam por esses exames e são imunizados recebem a carteirinha. - Aqueles que não passaram nos exames médicos são prescritos uma receita para eles e recebem um tratamento. - Tão logo feito o tratamento, se tiver tudo ok eles recebem a carteirinha de manipulador de alimentos.

- A vigilância sanitária é um órgão fiscal que é restrita ao território municipal, - então assim, a gente não costuma verificar a fonte, a gente costuma verificar os alimentos que estão dispostos no comercio. - Como geralmente são produtos alimentícios, sendo: frutas, peixes, carnes, galinha, etc. isso tudo a gente analisa no ato quando vai fazer a inscrição. Mas é igual eu já falei, - a vigilância sanitária precisa fazer mais.- Precisa estar mais presente nas feiras (...) a gente vai a feira pelo menos três vezes ao ano.

- Em todas as feiras, como eu falei, a gente faz programação, por exemplo: esse mês a gente vai trabalhar na feira tal, mês que vem na feira...- para fazer inspeção nos aqueles alimentos que estão sendo comercializados. - Sem falar que todos os anos, todos ele tem que pedir licença a vigilância sanitária, então quando ele vem requerer licença sanitária a gente tem que ir lá vistoriar cada um daqueles boxes que estão lá, isoladamente, pois eles isoladamente foram vistoriados pela vigilância sanitária.

- Os feirantes são bastante receptivos a vigilância sanitária, - só os açougueiros que as vezes quando a gente vai fazer fiscalização que tem produtos que a gente tem que fazer apreensão , - eles ficam chiando um pouquinho [...] - mas já estão acostumados a fiscalização sanitária.

- Aqui nos temos registros documentais em relação a feira livre da folha 28, - por que a gente não licencia a Feira da 28, mas aos estabelecimentos, de forma isolada, desses nos temos documentos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA ENTREVISTA REALIZADA COM O
SUPERINTENDENTE URBANO-SDU

- Superintendente de Desenvolvimento Urbano de Marabá-PA, - formado em Direito. - As feiras eles são importantes não só para Marabá, - as feiras servem como uma alternativa de renda, - então a importância é possibilidade de gerar renda, - ainda que com um mercado de [...] - vamos chamar de [...] - informal.

- Compete a SDU, - a concessão das áreas para exploração das áreas para exploração da feira, - além da concessão, - a gestão das feiras a municipalidade tem por bem, - entregar a própria associação dos feirantes, - por que nada mais justo do que eles que conhecem a realidade deles fazerem a sua própria gestão.

- E o município não intervém nessa gestão administrativa ali das feiras, - e atualmente nos estamos vivendo um momento de recadastramento dos feirantes, - para que nos possamos regularizar de maneira definitiva os espaços para eles, por que não só os espaços das feiras, mais todos os espaços públicos para serem explorados por particulares, - eles precisam de concessão, aonde o poder público através de um processo licitatório entregue ao particular o espaço, - o bem público para ser explorado, - para uma determinada atividade, - ou finalidade e uma das metas que nos temos na atual gestão é fazer o levantamento de todas as áreas de concessão do município, - entre elas as feiras, e regularizar de forma a garantir ao feirante uma segurança jurídica na atividade dele, - para que ele não possa ser removido, - retirado de qualquer jeito, - então a finalidade da SDU é fazer a gestão das áreas públicas para efeito de concessão.

- O prefeito, - no que diz respeito a feira da 28, - ele determinou que a gestão de cada uma das partes, secretaria de obras, planejamento, etc. - do atual estado da feira, das demandas, e daquilo que poderia ser feito a médio, curto e longo prazo, então nós estamos em processo de levantamento disso, - no momento imediato a curto prazo, - o que foi feito, foi o remanejamento daqueles feirantes que ficavam a direita da Vp8 que ficava aquelas frutaria, - foram removidos dali, - rebocados para mais adiante, - em uma relação contratual dos feirantes e o dono do imóvel, - o município fez a terraplanagem do terreno, e o dono do imóvel

cedeu, - e os feirantes estão pagando para ele um valor a título de aluguel, - por que ali já estava estrangulando o trânsito e foi feito de imediato, porque a feira, o instante em que ela atrapalha definitivamente o trânsito e nos finais de semana, que é uma situação mais tranquila, apensar de avolumar o trânsito os veículos naquele perímetro ali, - que são pessoas que vão especificamente para a feira, - já os “fruteiros” vamos chamar assim [...], eles estavam atrapalhando o trânsito no dia a dia, e pessoas que não tinham nada a ver com a feira, eram motoristas de ônibus, condutores que passavam ali, inclusive coletivo enfim [...].

- E esse levantamento já está sendo feito, - a SDU já fez o cadastramento, - a Secretaria de planejamento está desenvolvendo um projeto para nos debatermos e saber se vai continuar lá da forma que está, - agora não sabemos se vai continuar da forma que está, com interrupção de tráfego e se vai haver desapropriação de área para criação de uma nova feira, - na verdade a feira da 28 cresceu demasiadamente e acabou ficando com um espaço pequeno, e como ela já virou tradição, nós não temos a mínima vontade, nem o desejo, nem a intenção de retirar a feira por completo.

- Nós temos a intenção de melhorar e estruturar, - e remanejar aqueles que não podem continuar ali, - até por conta de espaço físico, - hoje a gestão é feita pela associação, a limpeza é feita pelo município agora no ponto, - nós temos um problema cultural muito grande, que não desrespeito só aos feirantes, - mas de forma geral que é a educação com o trato com os resíduos sólidos, não é raro em Marabá, - a gente encontra indivíduos que sabe os dias da coleta do lixo, e ele coloca o lixo dele em horários que, - ou vai ter uma demora na coleta, - ou não vai haver uma coleta naquele dia, - e aquele lixo tem resíduo de comida... - e cachorro, gatos enfim [...], - acabam espalhando aquele lixo que vão acabar indo para os bueiros, além das sujeira, o entupimento, estrangulamento do bueiros, - e aí vem a questão das enchentes, e a proliferação de doenças, e essas enchentes estão ligada também as ocupações desordenadas das áreas de igarapés de rios, - o problema maior da feira, é uma questão cultural, é ter a consciência em manter os espaços das feiras limpos, organizados, - pois tem a coleta por parte do poder público.

- Um exemplo disso que nós tivemos foi a caminhada do sírio da igreja católica, - um movimento que reuniu milhares de pessoas, - e ao final da caminhada, as ruas de Marabá, estava completamente limpas, não se via resíduos sólidos, copos descartáveis, - então isso é uma cultura que o município deve mudar, - e o cidadão também.

- Não sei e também não é competência da SDU segundo ele, e quanto as outras secretarias desconhece nesse sentido, mais enquanto cidadão eu acredito que esse é um tema

que deve ser apreciado pelos feirantes, pela associação e inclusive pelo poder público e se já existem qu possa compartilhar com as outras secretarias.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE GEOGRAFIA-FGEO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa e precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente para melhor esclarecimento. Esse estudo está sendo conduzido por **MYLENA CRISTINA AIRES DA SILVA**, com o apoio do docente **GUSTAVO DA SILVA**.

O estudo está sendo realizado para a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, aonde tem como objeto de estudo “A Feira-livre da Folha 28 NA Cidade de Marabá-PA: Tradição e Resistência de um Circuito Inferior da Economia Urbana Local.

Você será entrevistado sobre questões ligadas a feira-livre da folha 28, se por acaso, não souber responder, ou não quiser responder, não haverá problema algum, sua vontade será respeitada!

Nenhum tipo de prejuízo, poderá acontecer com você se caso não responder as questões em relação a feira-livre da folha 28, pelo contrário! Você estará contribuindo para que possamos conhecer os verdadeiros problemas correntes e quais as melhores alternativas para resolvê-los ou minimizá-los!

Não haverá nenhum tipo de retribuição financeira para participar da pesquisa, no entanto, você estará exercendo a cidadania contribuindo com a pesquisa, as pessoas que tero acesso ao seu nome (opcional) são os professores e alunos que se interessarem pelo assunto, e desde já, o meu **OBRIGADO** por me conceder a sua atenção!

Sua participação no estudo é voluntaria!

Você recebera uma via assinada deste termo de consentimento.

[] Declaro que li e entendi este termo de consentimento livre e esclarecido –TCLE. E todas as minhas duvidas foram esclarecidas e que sou voluntario a tomar parte neste assunto.

Assinatura do Pesquisador (a)

Assinatura do Voluntario (a)

Marabá-PA_____

12 - ANEXOS



PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ
DEPARTAMENTO DE POSTURA
Rodovia Transamazônica BR 230 KM 5,5
Nova Marabá, CEP 68507-765 - Marabá/PA



OFICIO. FP033/2018

Marabá-PA, 20 de fevereiro de 2018.

Ao Sr.
Gustavo Silva
Diretor da Faculdade de Geografia / UNIFESSPA

Prezado Senhor,

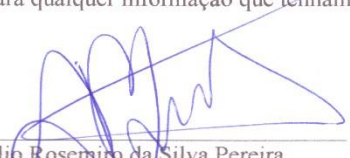
Com cumprimentos de estilo, em resposta ao ofício 071/2017 – UNIFESSPA, venho através desse informar que referente ao pedido que solicitava informações referente a feirinha da Folha 28.

Informamos que na ocasião da solicitação, o Departamento de Postura não possuía nenhuma informação sobre a referida feira, tendo em vista o poder público Municipal através de seus agentes políticos e administrativos, nos limites de suas atribuições e no sentido de zelar pela ordem, da moralidade, do sossego público e a manutenção de espaços públicos.

Sendo que compete ao Departamento de Postura a regulamentação e fiscalização dos espaço, área e logradouros público no que dispõe a Lei 17.333/2008 que institui o Código de Postura de Marabá, iniciamos em janeiro de 2018 um processo de interversão na referida feira com o cadastramento em primeiro dos ambulantes que estão em desenvolvendo suas funções na rua, para posteriormente cadastrar os feirantes que possuem box.

Nos deixamos a dispor para qualquer informação que tenhamos,

Atenciosamente,


Tulio Rosemiro da Silva Pereira
Assessor Especial
099/2017- GP

departamentodepostura@gmail.com

